



1290003146



TCC/UNICAMP D585n

SANDRA LOPES DIAS

UNIVERSIDADE DE CAMPINAS
FACULDADE DE ENGENHARIA
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE MATERIAIS
CURSO DE ENGENHARIA DE MATERIAIS
DIPLOMA DE TCC

200712465

**APRENDENDO A SER TRABALHADORAS:
MULHERES NO CEPROCAMP**

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

CAMPINAS, 2006

**SANDRA LOPES DIAS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**APRENDENDO A SER TRABALHADORAS:
MULHERES NO CEPROCAMP**

**Monografia apresentada à
Faculdade de Educação da
UNICAMP para obtenção do
título de Bacharel em Pedagogia,
sob a orientação da Prof^a Dr^a
Débora Mazza.**

CAMPINAS, 2006.

*Á meus amores Fer,
Fabiano, Dorinha e Arcidino
a quem devo tudo que sou.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha família por acreditar em mim, pelo amor, pelo incentivo e apoio incondicional nesta minha vida de mulher trabalhadora.

Agradeço imensamente a minha orientadora Prof^a Dra Débora Mazza pela oportunidade de convívio com uma mulher tão singela e maravilhosa, que muito me incentivou durante a pesquisa, dando-me as mãos nas horas mais difíceis no caminhar deste trabalho.

Sinto me honrada e agradecida, pela disponibilidade da grande pesquisadora Profa Dra Márcia Leite de ser a segunda leitora deste trabalho.

Em especial, agradeço as mulheres estudantes, coordenadoras, secretárias, professoras e todos os funcionários do CEPROCAMP pelo apoio e colaboração nesta pesquisa. E à Faculdade de Educação da Unicamp, bem como seus funcionários, pelo apoio nos serviços prestados, fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Por fim, desejo que se sintam agradecidos todas e todos que fizeram parte na construção do presente trabalho.

Lembrando de agradecer, evidentemente, as amigas e aos amigos do curso de Pedagogia e aqueles que participaram direta e indiretamente deste momento de minha vida, enriquecendo discussões e produzindo conhecimentos que muito colaboraram com o processo de criação deste trabalho.

*“Cada um de nós é um ser
no mundo, com o mundo e com os
outros”*

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho tem como cenário o CEPROCAMP - “Centro de Educação Profissional de Campinas Prefeito Antônio da Costa Santos” e nossa preocupação é discutir como se dá o processo de educação feminina de preparação para o trabalho entre as mulheres que freqüentam alguns cursos de qualificação básica dentre os oferecidos nesta entidade de ensino. Pretendemos observar, descrever e analisar o fenômeno social da educação feminina voltada para o trabalho tendo como hipótese sua estreita relação com as desigualdades sociais que engendram a sociedade. Coletamos dados de mulheres estudantes no CEPROCAMP, levando em consideração fatores pessoais, históricos, sociais, políticos e culturais, de modo que eles sirvam para embasar uma reflexão que procure elucidar as questões que englobam o assunto.

Como campo de pesquisa e abordagem metodológica acompanhamos o desenvolvimento de 05 cursos Educação profissionalizante do CEPROCAMP. São eles: Auxiliar de Departamento Pessoal, Auxiliar de Secretária, Camareira, Governanta e Recepcionista Comercial, cuja participação predominantemente é de mulheres oriundas de classes populares. Por meio da pesquisa participante, acompanhamos aulas, estabelecemos vínculos, realizamos entrevistas informais, resgatamos fragmentos de histórias de vida de algumas mulheres, elaboramos gráficos e formulamos um questionário; tendo em vista: 1- identificar o perfil das mulheres que participam destes cursos profissionalizantes, 2- apreender os tempos, os conteúdos e os espaços que educam estas mulheres para o mundo do trabalho.

Analisando os dados coletados no desenrolar da pesquisa, optamos por pensar a educação feminina para o trabalho numa abordagem sociológica. Visto que, vivemos em uma sociedade cada vez mais fragmentada, plural e excludente. As idéias neoliberais em curso no modo de produção capitalista, vêm provocando diminuição de inúmeras frentes de trabalho em virtude da inovação tecnológica e da lógica de enxugamento dos direitos trabalhistas. Esta realidade poderia resultar em atitudes de desesperança por parte destas mulheres pouco qualificadas sob a ótica da empregabilidade e descrença frente a possibilidades de alcançarem espaços de trabalho. Porém, as mulheres pesquisadas no CEPROCAMP nos ensinam outras lições. Elas apresentam-se esperançosas de que pelo conhecimento, via formação profissional, vão conseguir condições emancipatórias tornando possível a transformação da vida pelo trabalho. Elas entendem que a esperança é condição de criação da utopia, dos sonhos. Para essas mulheres, os cursos oferecidos no CEPROCAMP configuram-se como elemento alternativo que incrementam o conhecimento, a vida pessoal e a inserção profissional.

Palavras-chave: mulher, educação e trabalho

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO.....	09
II - EDUCAÇÃO FEMININA PARA O TRABALHO: DISCUTINDO A TEMÁTICA.....	12
2.1-Sobre as inquietações.....	12
2.2-Panorama histórico da educação para o trabalho.....	14
III - CONHECENDO O CAMPO DA PESQUISA: HISTÓRICO DO CEPROCAMP.....	26
3.1-Concepção política, de fundação e implementação.....	26
3.2-Áreas e cursos profissionalizantes oferecidos.....	32
3.3-Objetivos gerais dos cursos de Auxiliar de Departamento Pessoal, Auxiliar de Secretária, Camareira, Governanta e Recepcionista Comercial.....	34
IV - A PESQUISA DE CAMPO.....	37
4.1-Campo da Pesquisa.....	37
4.2-Coleta de dados.....	39
4.3- Análise dos dados.....	42
4.4- Identificando os sujeitos : Quem são essas mulheres?.....	44
Considerações Finais.....	67
Referências Bibliográficas.....	72
Anexos.....	77

SIGLAS E ABREVIACOES

CEPROCAMP - Centro de Educação Profissional de Campinas

FUMEC - Fundação Municipal para Educação Comunitária

PROEP - Programa de Expansão da Educação Profissional

MEC - Ministério da Educação

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

SME - Secretaria Municipal de Educação

RMC - Região Metropolitana de Campinas

INTRODUÇÃO

Da velha Estação ferroviária de Campinas emerge a Estação Cultura e nela o CEPROCAMP. Com ele, nossos objetivos de destacar as condições sócio-históricas em que se constroem os processos educativos da mulher para o mundo do trabalho.

A sociedade em que vivemos está cada vez mais fragmentada, plural e excludente. As idéias neoliberais, em curso no modo de produção capitalista, vêm provocando diminuição de inúmeras frentes de trabalho em virtude da inovação tecnológica e da lógica de enxugamento dos direitos trabalhistas, corroborando com o recrudescimento das desigualdades sociais.

No CEPROCAMP, entretanto, há a possibilidade de desenvolver vários projetos de educação profissionalizante como um dos meios de superação das desigualdades sociais, tendo em vista a transformação das condições de vida de muitos trabalhadores.

Sabemos que a educação voltada para o trabalho pode preparar ou qualificar tanto sujeitos masculinos quanto femininos, porém, optamos por analisar como se constrói esse processo de aprendizado para o trabalho entre as mulheres que freqüentam alguns cursos básicos de qualificação profissional oferecidos no CEPROCAMP.

A condição feminina tem passado por grandes transformações tendo em vista a necessidade crescente de ocupação do mundo do trabalho e, sobretudo, o importante papel que a mulher tem alcançado na estrutura econômica, social e familiar. Assim sendo, acreditamos que cabe uma discussão mais aprofundada acerca dos processos que permeiam a relação mulher/ educação/ trabalho.

Para isso, optamos por pensar a educação feminina para o trabalho numa abordagem sociológica. Pretendemos observar, descrever e analisar o fenômeno social

da educação feminina voltada para o trabalho tendo como hipótese sua estreita relação com as desigualdades sociais que engendram a sociedade.

Em um primeiro momento, neste trabalho, trazemos as nossas inquietações acerca da temática da educação feminina para o mercado de trabalho, bem como, procuramos trazer um panorama histórico da concepção de educação e sua relação com o social em diferentes tempos e abordagens.

Ao apoiarmos em alguns autores e autoras a partir de seus estudos, como, FREIRE (1999), BOWLES E GINTIS (1990), SCHULTZ (1999), APPLE (1982), YOUNG (2000), NOGUEIRA (2002), WILLIS (1991), FORRESTER (1997), HARVEY (1992), SEGNINI (2005), entre outros, vamos entendendo como eles nos auxiliam a refletir sobre a temática em determinada época e contexto. Ainda que não concordemos com todas concepções trazidas, vamos compreendendo a educação para o trabalho não como um fato dado, mas construído histórico e socialmente. Assim como são as questões que envolvem a condição feminina e sua relação com o mundo do trabalho, de que nos falam MAZZA (1989), SCOTT (1990), RAGO (2001), LEITE e SOUZA (2005), POCHMANN (2005).

Sendo assim, coletamos dados de mulheres estudantes no CEPROCAMP, levando em consideração fatores pessoais, históricos, sociais, políticos e culturais, de modo que eles sirvam para embasar uma reflexão que procure elucidar as questões que norteiam a temática. Como, quando e onde a mulher aprende a ser trabalhadora? Para quê? Por quê? Quais são as esferas mais determinantes? Em quais circunstâncias as mulheres vão aprendendo e tornando-se trabalhadoras?

Abordamos, em um segundo momento, uma vertente da história do CEPROCAMP, pela qual procuramos trazer a concepção de fundação, implementação e funcionamento desta entidade educacional, para além de um resgate de seu histórico.

Elencamos o apanhado de cursos básicos de qualificação profissionalizante oferecidos pelo CEPROCAMP, destacando especificamente elementos que implementam o desenvolvimento de 05 cursos. São eles: Auxiliar de Departamento Pessoal, Auxiliar de Secretária, Camareira, Governanta e Recepcionista Comercial, cuja participação predominantemente é de mulheres trabalhadoras oriundas de classes populares, as quais contribuem significativamente para nossa reflexão.

Por último, procuramos falar dos caminhos percorridos em relação à pesquisa de campo e o campo da pesquisa. Apoiadas por GATTI (2002), CORTES (1998), CARDOSO OLIVEIRA (2000), BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON (2004), SANCHES GAMBOA (1989), e alguns outros, trazemos a abordagem metodológica e a análise de dados empíricos para identificação de nossos sujeitos.

Por meio da pesquisa participante, acompanhamos aulas, estabelecemos vínculos, realizamos entrevistas informais, formulamos um questionário, elaboramos gráficos e tabelas resgatando fragmentos de histórias de vida de algumas mulheres, buscando identificar o perfil das mulheres trabalhadoras que participam destes cursos profissionalizantes do CEPROCAMP, bem como, procurando resgatar elementos que nos auxiliem a apreender os tempos, os conteúdos e os espaços que educam estas mulheres para o mundo do trabalho.

II – EDUCAÇÃO FEMININA PARA O TRABALHO: DISCUTINDO A TEMÁTICA

Para refletirmos um pouco sobre o fenômeno social da educação feminina voltada para o trabalho e sua estreita relação com as desigualdades sociais que engendram a sociedade, pretendemos analisar e discutir, do ponto de vista teórico/metodológico, a relação entre a educação como meio de formação da mulher trabalhadora e as contradições que marcam sua história na dinâmica da sociedade.

2.1-Sobre as inquietações

As inquietações mais imediatas que envolvem a temática, levando em consideração fatores históricos, sociais, políticos e culturais, de modo que eles sirvam para embasar uma reflexão estão envoltas pelos questionamentos de: Como, quando e onde a mulher aprende a ser trabalhadora? Para quê? Por quê? É na escola? É na família? É no trabalho? Ou é em outro universo permeado pelas relações sociais que se aprende a ser trabalhadora? Em quais circunstâncias as mulheres vão aprendendo e se tornando trabalhadoras? Quais são as esferas mais determinantes?

Sob esta ótica, podemos questionar ainda: A educação voltada para o trabalho serve para quê? Para quem? Quais são os interesses defendidos? Certamente, não são para equalizar as desigualdades que estruturam a sociedade. Pelo contrário, muitas vezes estão a serviço da disseminação de idéias que estão sob a égide de poder da classe dominante, e cada qual a usa de acordo com interesses específicos. Normalmente, visando objetivos capitalistas da obtenção de lucro a qualquer custo, acabam por olvidar valores essenciais na vida da trabalhadora, criando tantos obstáculos, que dificultam o acesso da classe trabalhadora a uma situação social mais igualitária, com amenização da

exploração de um ser humano por outro ser humano, do domínio tanto social quanto econômico e cultural.

Sob a ótica da igualdade, a mulher seria vista de outra maneira, que não de forma estereotipada, por aquilo que Bem e Bem (1973) denominam “*ideologia não consciente*”. Em que a mulher é treinada pelos mais variados meios, entre eles o social, o familiar, o religioso, o educacional e etc a ocupar papéis que são considerados socialmente de submissão aos sujeitos masculinos, principalmente em relação às atividades domésticas.

Porém não é o bastante para por fim à dominação masculina pela segregação profissional com a divisão sexual do trabalho, abordada por Scott (1990). Essa “divisão” designa às mulheres a responsabilidade pelas tarefas da casa, o cuidado e educação dos filhos e também os serviços externos que participam do orçamento doméstico, fazendo com que “*a mulher fique (...) com jornada dupla de trabalho*” (MAZZA, 1989: 53). Essa dupla jornada de trabalho da mulher se amplia na medida que, além de assumir os papéis domésticos que lhe são determinados por valores socialmente arraigados, passa a estudar para se preparar ou adaptar-se ao mercado de trabalho.

Como fica então a mulher trabalhadora neste processo? Será que por conta dessa lógica capitalista, globalizada, de capitais voláteis e transnacionais as mulheres têm conseguido, pela educação, uma transformação no campo do trabalho? Quais são os instrumentos fundantes da educação para essas mulheres, que cada vez mais se vêm obrigadas a entrar para essa dinâmica da empregabilidade? Talvez por isso, sua lida cansativa para inserir-se e tomar seu lugar na dinâmica da vida social. Para mulheres trabalhadoras as quais nos referimos “*viver e aprender é estar lutando e trabalhando*” (MAZZA,1989:34).

Desta forma, para a mulher trabalhadora “*a manifestação das condições estruturais da vida se faz pela condição de trabalhadoras. A história de suas vidas é a história de suas inserções no mundo do trabalho*” (MAZZA, 1989: 38).

2.2-Panorama histórico da educação para o trabalho

Faremos um recorte teórico para refletirmos sobre o que se tem pensado da educação para o trabalho, embasado em teorias, conceitos e reflexões a partir de diferentes visões de mundo, de modo a construir e pensar os processos educacionais que englobam o assunto. Entendendo educação para o trabalho “*como forma de concentração das relações sociais e como manifestação da determinação estrutural de classe*” (MAZZA, 1989:34) e sua estreita relação com a reprodução das desigualdades sociais.

Refletiremos a educação para o trabalho e sua relação com as desigualdades sociais considerando o modelo de produção capitalista como um conjunto de práticas de controle de trabalho, tecnologias, hábitos de consumo e configurações de poder político, econômico e cultural.

Esse conjunto de práticas, no modo de produção capitalista sofreu diferentes configurações em diferentes momentos históricos. Em determinados períodos incluiu uma lógica de massificação do acesso a bens materiais e simbólicos. Neste processo buscou-se configurar uma educação de massas e políticas de pleno emprego com condições salariais e direitos sociais amplos, com o Estado mantenedor das áreas de educação, saúde, segurança, habitação lazer, etc.

O desenvolvimento tecnológico de certas épocas exigiu uma relação próxima entre economia e educação. A educação, para o pensador liberal Marshall (1963), bem como, a previdência social e acesso aos direitos sociais ampliados às diferentes classes,

dentro da economia de mercado, eram formas de garantir a manutenção e continuidade do sistema capitalista. Daí, porque de se pensar em uma educação voltada para o trabalho! Trata-se de um dado momento histórico em que o modelo de produção capitalista esforçava-se para criar um Estado de Bem Estar Social.

Há um movimento de intervenção do Estado para diminuir as desigualdades sociais e garantir bons trabalhadores para o desenvolvimento da sociedade. Ademais, havia uma responsabilidade do Estado com a educação pública. Universalmente, a escola deveria ser laica e gratuita, oferecendo as mesmas condições a todos.

Acreditava-se, segundo Oliven (1991) que o princípio da igualdade combateria os entraves educacionais decorrentes de privilégios herdados para que a sociedade recompensasse os indivíduos de acordo com talentos e méritos.

“A igualdade era concebida no seu aspecto político (...) isto é, igualmente diante da lei. A existência de desigualdades econômicas era um princípio aceito, desde que essas fossem baseadas nas qualidades individuais e não nos privilégios de berço. Fazer aceitar as desigualdades econômicas como resultantes de habilidades individuais adquiridas era percebido, inclusive como função da escola” (OLIVEN, 1991:4)

Por isso houve uma certa massificação do ensino, visando formar trabalhadores para promover a modernização e democratização social. Neste sentido, a educação adquiriu importante papel na designação e distribuição das posições sociais. Trabalhos produzidos por acadêmicos *“enfaticavam a importância da escola na reprodução social da sociedade e complexidade das relações entre um certo tipo de sociedade e o modo de funcionamento do sistema de ensino”* (VASCONCELLOS, 2003:555).

Neste ponto, a Educação poderia aparecer como equalizadora e redentora para os males da sociedade. Afirmção esta que não devemos tomar por verdadeira, uma vez que *“na concepção liberal, a educação aparece como mercadoria que se orienta a responder as demandas regidas pela lei da oferta e da procura, modelo que se rege pelo princípio de diferenciação entre classes e grupos sociais”* (FERREIRA, 2005: 22).

A crítica de Nogueira (2002) à essa visão equalizadora da educação, auxilia-nos a entender o papel da escola e da educação naquele momento:

“Supunha-se que por meio da escola pública e gratuita seria resolvido o problema do acesso à educação e, assim, garantia, em princípio, a igualdade de oportunidade entre todos os cidadãos. Os indivíduos competiriam dentro do sistema de ensino, em condições iguais, e aqueles que se destacassem por seus dons individuais seriam levados, por uma questão de justiça, a avançar em suas carreiras escolares e, posteriormente, a ocupar as posições superiores na hierarquia social. A escola seria, nesta perspectiva, uma instituição neutra, que difundiria um conhecimento racional e objetivo e que selecionaria seus alunos com base em critérios racionais”. (NOGUEIRA, 2002:16)

Entretanto não bastava homogeneizar a sociedade de forma igualitária. Era preciso “qualificar” os indivíduos e os recursos humanos em si para melhor atender as necessidades do sistema capitalista. Para isso, na escola, mudam-se os conteúdos, os métodos e práticas pedagógicas e todo o processo de avaliação escolar, com o objetivo de selecionar pessoal qualificado, para atender as demandas do mercado de trabalho.

Para Theodore Schultz (1999), autor da teoria do “capital humano”, a recuperação econômica durante a segunda guerra mundial se deu pelos recursos aplicados para qualificar pessoal. Segundo ele, o investimento do capital humano é a explicação mais plausível para tal recuperação.

“A qualidade do esforço humano pode ser grandemente ampliada e melhorada e a sua produtividade incrementada (...) Um investimento desta espécie é o responsável pela maior parte do impressionante crescimento dos rendimentos reais por trabalhador” (SCHULTZ, 1999:32).

Ainda segundo o autor, os trabalhadores transformam-se em capitalista pela aquisição de conhecimentos e de capacidades, que são investimentos com valor não só humano, mas também econômico. E tal fato se dá muito pelo investimento em Educação. Afirma: “*Se tivéssemos de tratar a educação como um puro investimento, este resultado haveria de sugerir que os rendimentos à educação seriam relativamente muito mais atraentes do que os pertinentes ao capital não-humano.*”(SCHULTZ,1999: 46)

Schultz (1999) acredita nos talentos inatos. Segundo ele, a pessoa por conhecer seus talentos individuais, tem condições de decidir, em termos educacionais, em que investir seu capital. Desta forma, o capital humano é individual, ainda que o investimento para tal seja público. De acordo com o autor, faz-se jus se tal investimento for para tornar a sociedade mais igualitária e com menores diferenças de rendas entre as pessoas, resultantes das desigualdades das classes que participam na formação e consolidação da ordem social.

Embora Schultz (1999) contribua muito com sua teoria, há muitos diferentes conceitos metodológicos para explicar os mecanismos de reprodução da sociedade, sobretudo do funcionamento da escola e seu papel na formação do trabalhador e na estruturação das desigualdades sociais.

Neste sentido, torna-se claro o fato de que, de uma certa maneira, houve uma preocupação com a Educação no sentido de que ela fosse capaz de promover mais igualdade de oportunidades de vida, seja pela produção de conhecimento, seja pela formação para o trabalho ou para emancipação das pessoas frente às relações sociais.

Tocar neste ponto implica discutirmos o termo “competência individual”. A ideologia dos grupos dominantes opera com o conceito de aptidão e méritocracia. Desta forma, abre-se uma disputa que individualiza os processos de formação, empregabilidade e salário.

Sob esta ótica a escola pode ser vista como instituição educacional que reproduz as relações de poder, assim como reproduz desigualdades sociais, culturais e econômicas. Cada qual passa a ser responsável pela busca estrutural de sua formação. E, com os ideais neoliberais em curso, há uma flexibilização do ensino em relação a esse processo que visa atender as demandas de mercado. Neste sentido há uma

individualização dos processos educativos, que delega a cada um a responsabilidade de seu sucesso ou fracasso diante da vida.

Tal fato configura-se como um grande problema, uma vez que *“a educação entendida sob a perspectiva do mercado deve ser regulada pelas oscilações da produtividade e pelas marcas que distinguem o acesso desigual dos grupos e classes aos bens materiais e culturais produzidos pela sociedade capitalista”* (FERREIRA, 2005:23).

Essa relação estreita entre economia e educação voltada para o trabalho evidencia as desigualdades sociais. Dandurand e Olliver (1991), mostram que existem processos ideológicos sociais que são fundamentais para educação e, que a escola é um espaço político-educacional onde são travadas lutas e negociações cruciais para a sociedade. De acordo com os autores, a educação é o lugar de exercício e jogo de poder.

Entretanto, segundo Young (2000),

“A educação é sempre um conjunto de escolhas culturais, algumas conscientes e outras inconscientes (...) Partindo do pressuposto que aqueles que estão em posição de poder tentarão definir o que deve ser tido como saber na sociedade, quão acessível a cada grupo cada saber é e quais são as relações aceitas entre diferentes áreas do saber e entre aqueles que têm acesso a elas e as tornam disponíveis (...) Nos termos do poder que certos grupos têm de restringir o acesso a certo tipos de conhecimento, da oportunidade que aqueles que têm acesso ao conhecimento têm de legitimar seu estatuto, e das crenças que eles têm acerca das relações entre saber e sociedade” (YOUNG, 2000:32).

Há uma certa estratificação do saber na elaboração do currículo escolar que define os processos de seleção e exclusão de conhecimento, perpetuando as desigualdades de classe social. O grande problema é que, para além daquilo que está escancarado aos nossos olhos, legitima-se os valores da ideologia dominante. É o que afirma Apple (1982),

“A escola precisa fazer com que tudo pareça natural. Uma sociedade baseada no capital cultural (...) e na acumulação individual do capital econômico precisa mostrar-se como se fora o único mundo possível.

Parte do papel da escola (...) é contribuir para a distribuição (...) de padrões utilitários-rationais de pensamento e ação.”(APPLE,1982: 126)

Por isso, ainda nos apoiando em Apple (1982),

“O currículo oculto nas escolas serve para reforçar as regras (...) que, quando interiorizadas pelos estudantes, determinam os limites de legitimidade. (...) A visão encontrada nas escolas apóia-se fortemente no modo como todos os elementos de uma sociedade (...) estão ligados uns aos outros numa relação funcional, cada um contribuindo para a contínua preservação da sociedade (...) Os estudantes na maioria das escolas (...) recebem uma visão que serve para legitimar a ordem social vigente”(APPLE,1982: 130-154)

O sistema educativo deveria ser um meio para continuidade social da vida, como afirmam os autores da teoria da correspondência, Bowles e Gintis (1990). E,

“Uma condição necessária para viabilidade (...) de escolarização (...) é uma democratização da vida econômica que permita um sistema educacional democrático, igualitário que não conflite com a formação de adultos capazes participação efetiva no sistema de produção”(BOWLES & GINTIS, 1990:94)

Entretanto, o sistema educativo legitima e perpetua as desigualdades sociais, através de uma correspondência entre as relações sociais de produção e as relações sociais de educação. Mais do que criar “bons” trabalhadores, a escola ensina como o indivíduo deve se comportar na sociedade, numa relação de inculcação de valores que o molda “naturalmente”, a moda das regras de socialização.

Trata-se de um projeto social tal qual o modelo fordista. De acordo com Heloani (1994) o projeto social fordista revela-se um projeto político que objetivava assimilar o saber e a percepção política do trabalhador para a organização. E ele o faz, ao incorporar, tal como o taylorismo, um projeto social de melhoria das condições de vida do trabalhador, que inclui a perspectiva educacional.

Neste sentido Bowles e Gintis (1990) trazem grande contribuição, uma vez que entendem a escola como um sistema complexo e fechado que traz em suas raízes as desigualdades sociais. Ademais, as desigualdades escolares são as mesmas que estão na estrutura da economia capitalista. Isso requer um certo tipo de prática, com meios de

estabelecer “*uma intervenção social por parte de um indivíduo, grupo, ou classe, cujo objeto seja algum aspecto da realidade social, e cujo projeto é a transformação (ou estabilização) daquele objeto*” (BOWLES, GINTIS, 1990: 98). Para os autores, a prática não deve ser vista nem como efeito nem como reflexo das estruturas, mas como elementos fundamentais da dinâmica social.

Sendo assim, não há como negar a importância que se tem dado à educação para o mundo do trabalho. De acordo com Braslavsky e Gvirtz (2000) especialmente na última década previa ao século XXI, a educação, sobretudo, latino-americana se encontra num importante processo de transformação frente às propostas neoliberais, que provocam mudanças na forma de pensar e fazer educação. As novas leis que regem os sistemas educativos, permeadas por novos desafios e novos dispositivos da política educacional, em praticamente todos os países da América Latina, tendem a prolongar a obrigatoriedade escolar, além de tentar conduzir a população a uma formação profissional.

O mais interessante nesta situação, tomando como base a afirmativa de Harvey (1992) é a maneira como o capitalismo, dentro do contexto neoliberal, torna-se cada vez mais organizado através da dispersão, da mobilidade geográfica e das respostas flexíveis nos mercados de trabalho, nos processos de trabalho e nos mercados de consumo, “*tudo isso acompanhado por pesadas doses de inovação tecnológica, de produto e institucional*” (HARVEY, 1992: 151) que fica a cargo da escola disseminar.

Desta forma, uma mudança significativa no ambiente escolar não se limita no uso da linguagem teórica desvinculada de prática. Faz-se necessário entender o mundo para modificá-lo, numa ação reflexiva que de fato contribua para uma reconstrução ética, estética, social, cultural e econômica.

Sob esta vertente, o trabalho realizado por Paul Willis (1991) se torna importante na medida em que o autor discute a relação escola/trabalho, embora seu objeto de pesquisa seja apenas meninos, ele dá grande contribuição para pensarmos a educação da mulher trabalhadora. O autor vai partindo do pressuposto que é na escola que se aprende a ser trabalhador, não só pela forma como se dá a relação de ensino entre aluno-professor, mas sobretudo, pelas relações de aprendizagem que se estabelecem entre outros sujeitos que partilham a vida escolar, construindo o que o autor chama de “*cultura contra-escolar*”.

Se, em algum momento há toda uma preocupação com a qualificação do trabalhador, na fala de um dos entrevistados por Willis (1991), isso fica evidente:

“Se você tem qualificações, então pode escolher o que fazer (...) Mas se você não tem qualificações.... se eu não tivesse as qualificações, eu não sei o que faria (...) ao menos eu posso escolher se quero um emprego fixo e um seguro, carro ,dois filhos e esposa e casa própria e tudo mais” (WILLIS, 1991: 80).

No entanto, entendemos que a educação é um ato político que contribui para formação das pessoas enquanto atores sociais, cidadãos ativos e participantes e não apenas e tão somente meros trabalhadores, consumidores de deveres, que na maioria das vezes não conhece sequer seus direitos. Decorre daí que educação é fundamental no processo de formação para a cidadania, contribuindo para a transformação da sociedade, de forma que as pessoas tenham seus lugares garantidos na sociedade e no Estado que as representam. Desta maneira, como nos ensina Saviani (2000), a educação consiste em:

“Lutar para estabelecer uma nova relação hegemônica que permita construir um novo bloco histórico sob a direção da classe fundamental dominada da sociedade capitalista – o proletariado. Mas o proletariado não pode se erigir em força hegemônica sem a elevação do nível cultural das massas. Destaca-se aí a importância fundamental da educação” (SAVIANI, 2000, p. 03).

É preciso, portanto, criar mecanismos que rompam com estruturas do paradigma institucional formal. “*Não importa quão difícil seja a criação, a auto-construção e a vitória da cultura contra-escolar, ela deve, pois ser colocada contra o padrão mais amplo da cultura operária*”(WILLIS, 1991: 81). Essa “cultura contra-escolar” é tão fortemente arraigada na formação do estudante que se expande para o mundo do trabalho. Para WILLIS (1991), é tomando contato com a cultura contra-escolar, que ela ganha importância ao longo da vida do sujeito. Em outras palavras, “*a cultura fornece os princípios do movimento e das ações individuais*” (WILLIS, 1991: 153).

Neste sentido, ainda de acordo com o autor, é possível que no interior da instituição escola, o paradigma oficial diga respeito a uma visão particular do ensino e sua diferenciação produza formas da cultura contra-escolar, sendo que, a escola enquanto instituição é o local onde ocorrem trocas sociais, o ensino como troca justa, que também permeará as relações de trabalho e a vida em sociedade, em si. Segundo o autor, a cadeia mais importante de trocas é a de conhecimento por qualificações, a de atividade qualificada por melhores salários, e a de salário por bens e serviços. “*O educacional é, portanto, a chave para muitas outras trocas*” (WILLIS, 1991: 88).

É neste contexto, ainda de acordo com Willis (1991), que se explica a linguagem dos métodos modernos de ensino: centralidade no aluno, preparo para a vida, experiência para o trabalho e estímulo a utilização de auto-conceitos com relação ao trabalhador. Ou seja, os valores do trabalho são trazidos à escola, e vice-versa, se levarmos em consideração a dinâmica contraditória da sociedade.

Embora exista, segundo Willis (1991), uma ala educacional que afirma que as oportunidades sociais são construídas pela educação. Trata-se apenas de uma questão de esforço pessoal para conseguir as qualificações, que por si só, podem abrir suas próprias vagas no mercado de trabalho e criar uma situação mais igualitária. O autor se

contrapõe a esta idéia. Para ele, nenhuma quantidade possível de certificados e diplomas distribuídos a classe operária contribuirá para a criação de uma sociedade sem classes, até porque as classes mais abastadas economicamente querem elevar ou manter sua situação privilegiada.

Portanto, a proliferação de vários certificados e diplomas para provar a qualificação do trabalhador, embora não seja somente isso, esconde a falta de significado do trabalho exploratório e constrói falsas hierarquias que aprisionam ideologicamente as pessoas. As evidências aparecem através de empregos desqualificados, padronizados e intensificados para os quais exigem-se diplomas e certas qualificações, muitas vezes, desnecessárias a determinadas funções exercidas pelo trabalhador.

Nos apoiando em Forrester (1997), na obra “O horror econômico”, a tendência é considerar que as pessoas não estão bem preparadas para entrar para o mercado de trabalho, mas que é preciso formá-las. Porém, o que falta não são pessoas preparadas para o emprego ou para o mercado de trabalho, o que falta são os empregos. Ela nos alerta:

“(...) Em vez de preparar as novas gerações para um modo de vida que não passaria mais pelo emprego (que se tornou praticamente inacessível), há um esforço contrário para fazê-las entrar nesse lugar obstruído que as recusa, tendo como resultado convertê-las em excluídas daquilo que nem sequer existe mais”(FORRESTER, 1997 : 80)

Atualmente observa-se uma pressão constante contra a grande massa de trabalhadores existente em quase todo o mundo, como afirmam Heloani e Capitão (2003). Uma ameaça com objetivo de fazer com que as pessoas sintam-se sobressaltadas, pois a única ferramenta de que dispõem, sua força de trabalho, pode ser dispensada a qualquer momento.

Segundo os autores, há um desprezo assolando o universo do trabalho que traz conseqüências drásticas para as pessoas que têm em seu trabalho sua única forma de sobrevivência. Contudo, a força de trabalho exigida precisa de especial qualificação, ainda que seja, como antigamente, para apertar um simples botão. Assim, para a maior parte das atividades, exige-se trabalhadores complexos, que saibam muito mais, do que realmente seria preciso para a execução de determinada tarefa, ou seja, que tenham outras qualificações a serem exploradas.

Uma vez que, o crescimento econômico em valores reais se apóia na exploração do trabalho vivo, como afirma Harvey (1992), lembrando que isso não significa que o trabalho se aproprie de pouco, mas que o crescimento sempre se baseia na diferença entre o que trabalho obtém e aquilo que cria. Para o autor as coisas ficam piores quando consideramos o papel das mulheres no mercado de trabalho, segundo Harvey (1992), não apenas as novas estruturas do mercado de trabalho facilitam muito a exploração da força de trabalho das mulheres, como substituí-se trabalhadores homens pelo trabalho feminino mal pago. Segundo o autor,

“Por isso, o controle do trabalho, na produção e no mercado, é vital para a perpetuação do capitalismo. O capitalismo está fundado (...) numa relação de classe entre capital e trabalho. Como o controle do trabalho é essencial para o lucro capitalista, a dinâmica da luta de classes pelo controle do trabalho e pelo salário de mercado é fundamental para a trajetória do desenvolvimento capitalista” (HARVEY, 1992: 166).

Segnini (2000) em sua pesquisa sobre a dinâmica dos mercados de trabalho afirma que as contradições entre e formas de inserção no mundo do trabalho (e do desemprego) possibilitam, afirmar que qualificação para o trabalho é uma relação social, de classe, de gênero, de etnia, etc, que ultrapassa os limites da escolaridade ou da formação profissional, mas que se estabelece nos processos produtivos no interior de uma sociedade regida pelo valor de troca e fortemente marcada por valores culturais que possibilitam a formação de preconceitos e desigualdades.

Enquanto sujeitos femininos, é sempre bom aproveitar os novos espaços para falarmos sobre a condição da mulher trabalhadora. Poder dialogar sobre isso, ainda que de forma singela, é muito gratificante. Se em determinado momento histórico, como afirma Rago (2001) as mulheres eram transformadas em figuras passivas e sem expressão política, por conta de haver poucos documentos escritos por mulheres, significa que durante muito tempo *“lidamos muito mais com a construção masculina da identidade das mulheres trabalhadoras do que com sua própria percepção de sua condição social, sexual e individual”* (RAGO, 2001: 579). Como afirma a autora, *“não é à toa que, até recentemente, falar das trabalhadoras urbanas no Brasil significava retratar um mundo de opressão e exploração demasiada”* (RAGO, 2001: 579).

Entretanto, nem sempre as mulheres se calaram. Ao denunciarem suas péssimas condições de trabalho publicando artigos na imprensa operária, as mulheres apontavam os problemas enfrentados pela trabalhadora na produção e na vida social (RAGO, 2001), ganhando vozes que ecoam até os nossos dias e que precisamos levar adiante.

Diante do exposto e da perspectiva apresentada sobre a educação para o trabalho e suas implicações para os diferentes sujeitos que constituem a sociedade, propomo-nos a pensar sobre o papel da mulher, enquanto sujeito social que desde a mais tenra idade, de formas totalmente diversas, vai se transformando e aprendendo a ser a mulher que se constitui como trabalhadora.

Trata-se de um convite a fazermos uma reflexão de como nos tornamos trabalhadoras, e como tal, como é ser trabalhadora e criar mecanismos de transformação desta dura realidade, frente às condições desiguais de classe e de gênero que permeia a sociedade em que vivemos.

III - CONHECENDO O CAMPO DA PESQUISA: HISTÓRICO DO CEPROCAMP

Para abordarmos a temática que envolve o fenômeno social da educação feminina voltada para o trabalho delimitamos como campo de pesquisa 05 cursos básicos ministrados por uma escola profissionalizante - O CEPROCAMP, cuja demanda é predominantemente feminina. Entidade esta, que busca qualificar profissionalmente seus estudantes, homens e mulheres, visando melhores possibilidades de inserção no mundo do trabalho.

Ao enunciarmos uma vertente da história do CEPROCAMP é preciso dizer que as informações foram coletadas a partir de sites da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, de materiais didáticos e conteúdos fornecidos por coordenadoras, de Leis e Estatutos que determinam as diretrizes da educação profissionalizante no Município e também por meio de conversas informais com professoras e outras pessoas que fazem parte da estrutura funcional desta entidade educativa, bem como, através das mulheres que lá freqüentam e buscam por qualificação profissional.

3.1-Concepção política, de fundação e implementação.

De acordo com as publicações¹ da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, o CEPROCAMP – “Centro de Educação Profissional de Campinas - Prefeito Antônio da Costa Santos” inicia sua história em 26 de junho de 2001, quando o nomeado Governo Democrático e Popular de Campinas decide estabelecer um convênio com o MEC / PROEP para a implantação de um Centro de Educação Profissional. Após a entrega do anteprojeto para a apreciação e aprovação do mesmo pelo PROEP, o então

¹ Publicações da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, conforme endereços e datas de acesso descritos nas referências bibliográficas.

prefeito Antônio da Costa Santos (Toninho) anuncia para cidade de Campinas a construção da entidade, como parte do Projeto de Revitalização do centro de Campinas.

No meio tempo, entre o projeto do centro educacional ser analisado e aprovado, o Prefeito Toninho é assassinado e assume a Prefeita Izalene Tiene que dá andamento ao projeto. Finalmente, em 08 de outubro de 2001 ela assina o convênio, consolidando a parceria entre FUMEC (Fundação Municipal para Educação Comunitária) / SME (Secretaria Municipal de Educação) / Prefeitura Municipal de Campinas e o PROEP (Programa de Expansão da Educação Profissional) / MEC (Ministério da Educação).

Com o convênio há a disponibilização de parte da antiga estação ferroviária de Campinas - FEPASA para abrigar o CEPROCAMP. Fica sob a responsabilidade do Governo Municipal de Campinas, através da FUMEC, a manutenção e todas as despesas de implantação, com professores e funcionários da escola. Desde a instrumentação com equipamentos até a aquisição de materiais necessários para o funcionamento do centro educacional.

Isso ocorre porque na cidade de Campinas a educação profissionalizante é de responsabilidade da FUMEC, como rege seu Estatuto nas diretrizes para a *“criação, manutenção e gestão de centro de educação profissional que ofertará educação profissional nos níveis básico e técnico”*, além da determinação de *“implantar, com relação à Educação Profissional, programas de formação profissional que atendam às necessidades comunitária (...) desenvolvendo ações de educação com a comunidade externa, zelando pela qualidade dos cursos ofertados (...)”* (Lei 5830 de 16/09/1987, Cap I, Art. 5º, IV-V).

Desta forma, pelo convênio estabelecido a FUMEC receberia R\$ 3.582.128,00 destinados à reforma predial e aquisição de equipamentos e móveis. Sendo que, por não se tratar de empréstimo, o dinheiro não precisa ser devolvido pela Prefeitura Municipal

de Campinas aos órgãos de fomento. Por outro lado, conforme legislação vigente, a FUMEC propiciará, via CEPROCAMP, cursos básicos de qualificação profissional acessíveis a toda a população, contemplando inclusive pessoas que não sabem ler e escrever e também as residentes na RMC (Região Metropolitana de Campinas).

No dia 14 de setembro de 2004 foi inaugurado o CEPROCAMP. Instalado à Avenida dos Expedicionários, 145 Centro – Campinas / SP, em um dos barracões, com estrutura física restaurada, da antiga Estação Fepasa, atual Estação Cultura, teve sua localização definida como forma de alavancar o processo de revitalização do centro da cidade de Campinas.

Procurando promover, ao mesmo tempo, a recuperação e valorização do patrimônio histórico da cidade, e de certa maneira, como forma de explicitar o peso que a Estação representou na história da economia de Campinas, assim como, a identificação com o ponto que demarcava a linha imaginária que dividia a cidade, entre a vila operária e a vila dos barões do café. Teve sua origem em conjunto com o Projeto de Revitalização do Centro da cidade de Campinas, dentro dos ideais do ex-prefeito Antonio da Costa Santos e diante da necessidade de oferecer formação profissional para jovens e adultos.

O CEPROCAMP constitui-se como uma instituição pública, sem fins lucrativos que oferece, gratuitamente, educação profissional àqueles que necessitam da ação do poder público. Foi concebido para atender à demanda de qualificação profissional de jovens e adultos nos níveis básico e técnico da educação profissional; formar o educando para o exercício da cidadania e fornecer-lhe conhecimentos que lhe permita exercer funções demandadas pelo mundo do trabalho, de modo a desenvolver no educando competências e habilidades para a vida produtiva e aprofundamento em estudos posteriores.

Toda a elaboração de planos de trabalhos pedagógicos do CEPROCAMP é coordenada pela Secretaria Municipal de Educação e feita pela FUMEC, que continua a ser a principal responsável pela implementação, manutenção e acompanhamento das ações da entidade.

Da inauguração em 2004 até o final de 2005 passaram pelo CEPROCAMP cerca de 4100 pessoas, buscando formação e qualificação profissional. Estima-se chegar ao final de 2006 com cerca 5000 pessoas formadas. Pretende-se oferecer, até sua conclusão, mais de 60 modalidades de cursos, permitindo oferecer cerca de 1.700 vagas anuais a jovens e adultos de Campinas e pólos regionais.

O projeto desenvolvido junto ao PROEP/MEC prevê a completa instalação do CEPROCAMP, no período de seis anos, o que ocorrerá em 2007, com implantação gradativa de cursos e laboratórios durante esse período.

Em sua fase inicial, o CEPROCAMP já contava com secretaria acadêmica, um anfiteatro com capacidade para 150 pessoas, 10 salas de aulas, 06 laboratórios de informática com muitos computadores com acesso a Internet, recursos de áudio-visuais, biblioteca, sala de reuniões, cantina, restaurante e mobiliário para administração da escola.

Em sua segunda fase de implementação pretende-se adquirir equipamentos para os laboratórios de microbiologia /físico-química, de hotelaria, de artes, de processamento de alimentos - restaurante-escola / cozinha, além de adquirir livros para a biblioteca a serem disponibilizados aos usuários.

Os objetivos do CEPROCAMP abrangem os ideários de proporcionar uma educação profissional em ambiente criativo e criador, respeitando as particularidades dos sujeitos individuais e coletivos; envolver os diversos setores da economia e da sociedade na proposta de formação e qualificação profissional; valorizar o educando

como sujeito dotado de saberes e conhecimentos socialmente construídos; formar profissionais éticos e conscientes da sua contribuição, pela atuação coletiva na sociedade, para alterar a situação de vulnerabilidade social. Enfim, contribuir para o crescimento e melhoria da qualidade de vida da população de menor renda; articulando processos de aprendizagem para que o educando possa caminhar pelo mundo do trabalho e nele permanecer (garantir a empregabilidade).

Diante de tais objetivos, essa instituição profissionalizante tem por finalidade contribuir para minimizar a exclusão social, econômica e cultural, por intermédio da oferta de Educação profissional, possibilitando aos jovens e adultos o exercício da cidadania, desenvolvimento da capacidade de articular trabalho, ciência e cultura e participação no trabalho socialmente produtivo, usufruindo a educação profissional e sócio-cultural oferecida em cursos de formação inicial e em nível técnico.

Como meio de atingir seus objetivos, o CEPROCAMP tem uma maneira diferenciada na forma de seleção do pessoal que ocupam as vagas disponíveis. Para atender as demandas oriundas de Campinas e RMC, o principal critério de seleção das pessoas é o perfil sócio-econômico, não exigindo testes de conhecimento, o que se diferencia das escolas de nível técnico. Além de adotar o sistema de cotas para afrodescendentes e pessoas com deficiências. No processo de seleção, os candidatos que se declaram portadores de deficiências passam por entrevistas, com o objetivo de serem enquadrados dentro do critério de cotas.

Do total de vagas de cada curso de formação e qualificação profissional é garantido o mínimo de 20% para afrodescendentes e 10% para pessoas com deficiências. A seleção é feita por pontuação, sendo levado em conta, além das cotas, o fato da pessoa possuir menor renda mensal familiar, maior idade, maior número de

pessoas na família, ter estudado em escola pública e o fato da pessoa ser arrimo de família. O processo de inscrição não se mostra muito complicado.

Os candidatos apresentam Carteira de Identidade ou Carteira de Trabalho ou Certidão de Nascimento/Casamento, comprovante de endereço, exigindo-se apenas que a pessoa tenha 16 anos completos ou acima. Não é exigido grau de instrução ou comprovante de escolaridade para os cursos básicos.

Neste 2º semestre de 2006 foram disponibilizadas vagas para 22 diferentes cursos básicos, com diferentes qualificações profissionais, além dos cursos técnicos (Gestão, Informática, Segurança do Trabalho e Meio Ambiente) e mais o cursinho pré-vestibular. Sendo que as turmas estão divididas em três períodos de aulas: matutino, vespertino e noturno.

Entretanto, essas vagas ainda não atendem a demanda. A procura tem sido muito grande. Mais de 6.000 pessoas por período semestral, por isso, há uma preocupação com a criação de novos cursos.

De acordo com as coordenadoras, o CEPROCAMP continuará norteando sua atuação por meio de parcerias com a sociedade e com empresas. Seus cursos deverão ser orientados pelas tendências empresariais e de evolução do emprego na região de Campinas, com base na oferta de vagas no mercado de trabalho, para o qual ainda falta mão de obra qualificada.

Estão sendo montados cursos descentralizados: Projeto João de Barro (com 06 cursos), Geração de Renda (com 10 cursos), Inglês para Taxistas. No Projeto João de Barro, as atividades serão desenvolvidas em encontros de 04 horas/aula, nas quais os conteúdos serão abordados de forma a propiciar a aprendizagem, simulando situações reais, em laboratórios próprios e de práticas necessárias ao engajamento em atividades produtivas.

Esses cursos serão efetivados fora da instituição central, em entidades da periferia, sendo que a descentralização das atividades educacionais inclui o deslocamento de equipes de professores às regiões de Campinas, iniciando pela região Norte, e atualmente atingindo as regiões Sul, Sudoeste, Noroeste e Leste, nos seguintes locais: Centro Comunitário do Jardim Rosália; Instituição A. A. Dias da Cruz no Jardim Eulina; APOT no Jd. Flamboyant; Colégio Br. Geraldo de Rezende no Distrito de Barão Geraldo; Núcleo II Dom Bosco da Rede Salesiana de Ação Social no bairro Vida Nova; Igreja Nazareno no bairro Taquaral; CAIC – Vila União, AR- 9 no Jd. São Pedro; CECÓIA em Souzas, nos Centros de Formação para o Trabalho e Cidadania "Tancredo Neves" na região Sudoeste; "João Coelho" na Av. Moraes Salles; e "Homem de Mello" no Jd. Nova Esperança.

Em parceria com a Secretaria da Cidadania e Promoção Social iniciado em 2005, com 12 turmas, estão operacionalizando programa de iniciação profissional e gestão de pequenos negócios para população carente. Há, neste sistema de parceria, a previsão de atendimento para 52 turmas de forma descentralizada até o final de sua implementação.

Como o CEPROCAMP ainda não está totalmente concluído, sua história pode sofrer algumas alterações que, por ora, não nos cabe enunciar.

3.2- Áreas e cursos profissionalizantes oferecidos

Os cursos oferecidos no CEPROCAMP para qualificação profissionalizante estão divididos em quatro áreas: Gestão, Informática, Hospitalidade e Desenvolvimento Social. Além de manterem o cursinho pré-vestibular (Componentes curriculares: Português; Literatura Brasileira; Técnicas de Redação; Matemática; Inglês; História;

Geografia; Biologia; Física e Química), ministram também os cursos técnicos (Gestão, Informática, Segurança do Trabalho e Meio Ambiente).

Atualmente, os cursos básicos abrangem:

Área de Gestão:

Auxiliar de Almoxarifado;
Auxiliar de Contabilidade;
Auxiliar de Escritório;
Auxiliar de Secretaria;
Recepcionista Comercial;
Vendedor Balconista;
Auxiliar de Departamento Pessoal.

Área de Informática:

Animação Gráfica (Blender);
Editoração de Imagem (GIMP);
Informática Básica;
Sistema operacional Linux;
Web Designer.

Área de Hospitalidade:

Ajudante de Cozinha;
Camareira de Hotel;
Padeiro e Confeiteiro;
Cozinheiro;
Garçom;
Governanta;

Área de Desenvolvimento Social:

Animador Cultural;
Auxiliar de Creche;
Auxiliar de Serviços Gerais;
Cuidador de Idosos.

Dentre os cursos descentralizados:

Projeto João de Barros:

Pedreiro;

Encanador;

Carpinteiro;

Eletricista;

Pintor;

Jardineiro.

Projeto Geração de Renda:

Cozinha Básica;

Confeção de Bolos;

Confeção de Doces e Salgados;

Auxiliar de Serviços Domésticos (diarista);

Corte e Costura;

Conserto e Reforma de Roupas;

Confeção de Bijuterias;

Eletricidade Básica;

Conserto de Eletrodomésticos;

Técnica de Venda (porta a porta).

3.3- Objetivos gerais dos cursos de Auxiliar de Departamento Pessoal, Auxiliar de Secretária, Camareira, Governanta e Recepcionista Comercial.

Considerando nosso campo de pesquisa, mulheres em processo de aprendizado para o trabalho, elencamos aqui os objetivos gerais de ensino nos cursos de formação profissionalizante do CEPROCAMP abrangendo apenas os que fazem parte da delimitação que fizemos nesta pesquisa:

Auxiliar de Departamento Pessoal

- Organização de empresa e escritórios;
- Perfil, papel e função;
- Competências pessoais voltadas para a função;
- Rotinas de apoio na área de recursos humanos;
- O processo das informações;
- Apoios logísticos do departamento pessoal;
- Correspondência comercial;
- Qualidade no atendimento.

Auxiliar de Secretária

- A secretária; presente, passado e futuro;
- Perfil, papel e atividades;
- Serviço de apoio a gerencia e chefias;
- Comunicação empresarial e atendimento telefônico
- Redação técnica;
- Técnica de arquivamento;
- Ética e comportamento profissional.

Camareira

- Atribuições e requisitos profissionais;
- Conhecimento e manipulação de equipamentos;
- Configuração da unidade hoteleira;
- Rotinas operacionais;
- Atendimento de hóspedes;
- Relacionamento com público interno e externo;
- Importância da responsabilidade da camareira;
- Sistema de avaliação.

Governanta

- O setor da Governanta;
- A importância e responsabilidade da profissão;
- Perfil e requisitos profissionais;
- Atribuições e tarefas;
- Comunicação setorial e inter setorial;
- Limpeza e conservação de móveis e utensílios;
- Uso e cuidados com produtos equipamentos;
- Higiene e segurança no trabalho.

Recepcionista Comercial

- Organizar empresa e escritório;
- Perfil, papel e função;
- Competências pessoais voltadas para a ocupação;
- Práticas de recepção e atendimento ao público;
- Atendimento telefônico e telemarketing;
- Etiqueta no trabalho.

IV – A PESQUISA DE CAMPO

4.1-Campo da Pesquisa

Definimos o campo da pesquisa para uma investigação empírica procurando obter conhecimento, observar, descrever e compreender realidades de mulheres em processo de aprendizado para o trabalho.

Neste sentido, ao optarmos por fazer um recorte em relação à temática escolhida, delimitando como campo de pesquisa o CEPROCAMP, especificamente os cursos profissionalizantes de Auxiliar de Departamento Pessoal, Auxiliar de Secretária, Camareira, Governanta e Recepcionista Comercial, cuja participação é predominantemente feminina, o objeto sobre o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente configurado pelos lugares a partir dos quais passamos a observá-lo.

De acordo com Cardoso de Oliveira (2000) o objeto da pesquisa não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina que conforma nossa maneira de ver a realidade, que perpassa olhar, ouvir e escrever.

Ao escolhermos os pontos a serem abordados em relação ao objeto de pesquisa, desmitificamos a neutralidade em relação a nossa pesquisa. Não podemos negar que a *“escolha do objeto de pesquisa está intimamente ligada à relação estabelecida pelo pesquisador com o campo que elegeu como objeto de sua pesquisa”* (ALVES, 2006:31).

Sendo assim, o nosso objeto de pesquisa, a exemplo do que afirma a autora, parte de nossas vivências, de nossas trajetórias e da maneira como interpretamos e concebemos o mundo que nos cerca.

Porém, precisamos ser vigilantes diante do trabalho que produzimos, para fazer dele instrumento de rupturas² diante dos conhecimentos enunciados. Uma vez que os conhecimentos produzidos, assim como afirma Gatti (2002), são relativamente sintetizados sob a luz de certas condições e circunstâncias que dependem da teoria, metodologia e temática que o pesquisador escolhe para trabalhar.

Portanto,

“É necessário submeter as operações da prática sociológica à polêmica da razão epistemológica para definir e, se possível, inculcar uma atitude de vigilância que encontre no conhecimento adequado do erro e dos mecanismos capazes de engendrá-lo um dos meios de superá-lo”.(BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSERON, 2004: 11)

Sob esta vertente, o conhecimento obtido pela pesquisa é um conhecimento vinculado a critérios de escolha e interpretação de dados que encaminham para sínteses com consistência e plausibilidade.

Para nós esses dados se configuram como elementos de suma importância, abrangendo desde um questionário até *“depoimentos, entrevistas, diálogos, discussões, observações, etc de que nos servimos para a geração de algum conhecimento que acrescente alguma coisa à compreensão do problema que nos interessa”* (GATTI, 2002: 11).

Buscamos resgatar a dimensão histórica, entre reflexão-ação e entre teoria-prática, desvendando possibilidades de mudança pela práxis transformadora (SÀNCHEZ GAMBOA,1989), no que tange a dinâmica que permeia a relação mulher/ educação / trabalho.

Procuramos, para tal, empregar métodos de coletas de dados que procurem propor alternativas de transformação da maneira como encaramos o fenômeno da educação feminina para o trabalho, com uso de técnicas quantitativas e

² Sobre o conceito de ruptura, ver BOURDIEU,P.; CHAMBOREDON,J.C; PASSERON,J.C: *Ofício de Sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*.Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 23-44.

qualitativas. Desta forma maiores são as probabilidades de resposta aos problemas de pesquisa, possibilitando chegar-se a conclusões mais fundamentadas, sendo que os dados quantitativos, caracterizados pelo uso de números permitem a construção de descrições mais detalhadas, portanto, mais qualitativas (CORTES, 1998). Portanto, os dados quantitativos e qualitativos nesta pesquisa acabam por se completar, de forma imbricada.

Vale ressaltar que permeando a pesquisa há toda uma historicidade de vida, de valores, de conhecimento de mundo, de cunho social, de envolvimento com os sujeitos pesquisados; visto que estamos trabalhando com mulheres que freqüentam os cursos profissionalizantes no CEPROCAMP, em seus próprios processos de construções de vidas e de condições sociais.

Por isso criamos vínculos, mudamos nossas escolhas e perspectivas em relação aos sujeitos da pesquisa. Estamos, portanto, escolhendo entre múltiplos caminhos, alguns ângulos de abordagem que nos aproximem da compreensão de como se dá o fenômeno da educação feminina para mercado de trabalho.

E aqui, de certa forma plagiando Demartini (1985), definimos a relação educação/ trabalho de forma ampla, não ligada a um modelo específico de trabalho, mas ligada a uma concepção de educação feminina voltada para qualquer atividade que tenha como dorso a idéia do estudar buscando saberes e qualificações que viabilizem formação feminina para o mundo do trabalho.

4.2-Coleta de dados

A coleta de dados no CEPROCAMP se deu através de 22 visitas, no período de Junho a Novembro de 2006. Entretanto, o segundo semestre letivo começou em Agosto, quando pudemos participar efetivamente de 17 encontros em sala de aulas para

acompanhamento das mulheres no desenrolar de 05 cursos básicos noturnos de qualificação profissionalizante nesta entidade educacional.

Foram cerca de três a quatro encontros por grupo, nos cursos de: Auxiliar de Departamento Pessoal, Auxiliar de Secretária, Camareira, Governanta e Recepcionista Comercial, cuja participação predominantemente é de mulheres.

Tivemos muita vontade de participar de mais encontros para coletar outros dados que nos ajudariam a refletir sobre as inquietações que foram aparecendo ao longo desse processo de trabalho. Porém não havia disponibilidade de tempo para fazer a pesquisa de campo freqüentando as aulas no CEPROCAMP, e conciliar os compromissos de mulher-trabalhadora, mulher-pesquisadora, mulher-estudante de Pedagogia, mulher-mãe, mulher-responsável pelos afazeres domésticos, etc.

No entanto, os dados levantados, em cada encontro muito contribuem para aquilo que nos propomos inicialmente: refletirmos sobre o fenômeno da educação feminina para o trabalho, identificando o perfil das mulheres que participam destes cursos profissionalizantes, de forma a apreender os tempos, os conteúdos e os espaços que educam estas mulheres para o mundo do trabalho.

Por meio de levantamento de informações em sites oficiais³, da pesquisa participante, do acompanhamento das aulas fizemos um diário de campo com relatos dos acontecimentos presenciados. Também estabelecemos vínculos, realizamos entrevistas informais através de conversas individuais e em pequenos grupos, resgatamos fragmentos de histórias de vida de algumas mulheres, elaboramos tabelas, gráficos e formulamos um questionário⁴ com perguntas⁵ prefixadas, semi-estruturadas

³ Publicações da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, conforme endereços e datas de acesso descritos nas referências bibliográficas.

⁴ Ver o questionário elaborado nos documentos anexos.

⁵ Para maior compreensão sobre “perguntas prefixadas, semi-estruturadas e focalizadas e abertas” ver CORTES, Soraya M.V.: Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. In: *Cadernos de Sociologia*. Porto Alegre, 1998, v.9, p. 18-19.

com sentido aberto e focalizado, tomando como referencial teórico Cortes (1998) para elaboração das perguntas.

Para a autora, a entrevista, acompanhada pelos questionários se constitui em uma fonte não documental, mas legítima de obtenção de informação. Possibilita desde uma sondagem de opinião, com questionário estruturado, no qual o rol de perguntas e respostas é prefixado, servindo de instrumento quantitativo; passando por questões semi-estruturadas com respostas abertas, para melhor análise qualitativa; até a abertura para que os sujeitos, no momento de responderem ao questionário, falem sobre o que julga necessário e que o questionário não contempla. Abrangendo uma opção mais aberta e focalizada, em que não seria necessário obedecer ao roteiro pré-estabelecido, podendo discorrer-se livremente diante da temática proposta. Sendo assim, nesta pesquisa o tipo de entrevista usado deveria tender a uma conversa social e ser *“uma forma particular de interação humana”* (CORTES, 1998:21).

Desta maneira, para além da coleta de dados através dos questionários respondidos por 70 mulheres dos cursos escolhidos, a observação participante desde o início até o final de cada aula foi importante para acompanhar o desenvolvimento das atividades e das diferentes abordagens de formação.

As aulas ocorrem três vezes por semana, durante três horas, intermediada por um intervalo de 10 minutos, com professoras graduadas e com experiência profissional na área que ministram aulas. Os conteúdos trabalhados são bastante específicos, de acordo com a área de profissionalização escolhida. Há apostilas para a maioria dos cursos, as quais não tivemos pleno acesso para elencar dados mais específicos. No geral, abrangem o histórico da profissão, funções específicas, imagens ilustrativas, fundamentação teórica, bibliografias, etc que deveria ser xerocado pelas mulheres para fins didáticos.

Outro campo fértil para nossa coleta de dados foram as aulas de Ética e Cidadania, assim como as de Informática, das quais todas as pessoas, de todos os cursos do CEPROCAMP devem participar, principalmente porque possibilitava uma interação maior entre as pessoas. A partir de relatos pessoais estabeleciam-se trocas de experiências significativas para compreender quem são, o que pensam e que história de vida essas mulheres estão construindo.

Também contribuiu o fato do transporte coletivo ser o meio de locomoção entre o CEPROCAMP e a maioria das residências das mulheres. Por vezes, após as aulas caminhávamos até o terminal de ônibus, falando sobre as condições de mulheres, de trabalho e de formação, das experiências de trabalho, da vida cansativa, entre outros assuntos. Esses momentos eram muito ricos, pois possibilitava o estabelecimento de relações mais estreitas entre pesquisadora e pesquisadas, importantes na identificação do perfil das mulheres, bem como, do CEPROCAMP enquanto entidade que permeia a educação dessas mulheres para o mundo do trabalho.

4.3- Análise dos dados

Ao analisar os dados coletados buscamos refletir em que condições as mulheres aprendem a ser trabalhadoras, procurando responder os questionamentos levantados: Quem são essas mulheres? Quais são suas histórias de vida? Como têm aprendido a ser trabalhadoras? Onde residem? Como são suas residências? Qual o nível de escolaridade? São casadas? Tem filhos? Precisam deixar com alguém para estudar? Qual a e a sua renda familiar?Quais são suas condições de trabalho? Quais suas

perspectivas em relação ao Ceprocamp e ao curso freqüentado? O que pensam sobre sua condição de mulher trabalhadora?

Não pretendemos, no entanto, expor essas mulheres. Embora dispomos de seus dados pessoais, manteremos o anonimato optando em identificá-las com a letra inicial do nome, seguido de idade e curso de qualificação profissional do qual fazem parte.

A nossa análise de dados não se faz somente pela análise de conteúdo, mas também pela análise de contexto. A análise de conteúdo se constitui de um conjunto de técnicas, derivadas das análises quantitativas, que por sua vez, está preocupada com a objetividade e sistematicidade, de maneira a aperfeiçoar as técnicas de tratamento e os processos de quantificação (CORTES, 1998).

Enquanto que a análise do discurso, com base no contexto tem como cerne de suas preocupações, as condições de produção e de apreensão de significados, uma vez que, o discurso enquanto conceito teórico–metodológico só faz sentido no contexto histórico, social, cultural em que é produzido. Sob esta ótica, *“a análise do discurso se distinguiria da análise de conteúdo, ao visar menos a interpretação do discurso e principalmente compreensão de seu processo de produção”* (CORTES, 1998: 37).

Neste sentido podemos perceber que os métodos de análise qualitativa dos dados, como forma de buscar respostas aos nossos problemas de investigação, favorecem o confronto de diferentes evidências sobre o mesmo fenômeno, permitindo um processo mais criativo na produção de conhecimento.

Obviamente somente pela análise dos dados obtidos com o questionário respondido por 70 mulheres não podemos saber essencialmente quem são elas, conceber na íntegra sua história de vida. Porém, esses dados configuram-se como meio de aproximar-nos dessas mulheres e a partir deles, elencar alguns parâmetros que

permitam-nos avaliar quem são essas mulheres enquanto trabalhadoras e esperançosas de transformação em suas vidas, via educação profissionalizante e mercado de trabalho.

Ao transformarem suas vidas em relação ao mundo do trabalho, influenciam e transformam a vida daqueles que as rodeiam. Desta forma, possibilitam a construção de novas histórias de vida, porque *“cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros”* (FREIRE, 1999).

4.4- Identificando os sujeitos: Quem são essas mulheres?

A partir dos fragmentos de vidas levantados procuraremos identificar o perfil das mulheres que participam dos cursos profissionalizantes no CEPROCAMP. Com isso, entretanto, não pretendemos trazer convicções e verdades absolutas sobre o aprendizado das mulheres trabalhadoras ou sobre a temática da educação feminina para o trabalho e as questões que envolvem.

Partimos do pressuposto de que estas mulheres têm papéis sociais e trajetórias diferentes entre si, mas, enquanto sujeito de nossa pesquisa, corrobora para pensar a educação feminina para o trabalho. *“Cada sujeito, na interdependência de suas vivências, interesses, limites e possibilidades, estabelece diferentes relações com os diferentes saberes”* (ALVES, 2006: 31), que não temos como mensurar. Até porque, como afirma Mazza (1989):

“São tantos os papéis assumidos diariamente pelas mulheres, que seria uma pretensão impossível querer abarcar a totalidade das experiências cognoscíveis do cotidiano: dentro da preocupação com o trabalho, apreendemos as situações mais significativas na tentativa de capturar o aprendizado. Em tais situações, o aprendizado não tem estreita convivência com os bancos da escola formal e as diversas lições apreendidas sugerem uma escola da vida que vai inscrevendo, no corpo, algumas relações (práticas sociais) de conhecimento” (MAZZA, 1989:33).

Procuramos, portanto, trazer elementos que contribuam para apreendermos os tempos, os conteúdos e os espaços que educam estas mulheres para o mundo do

trabalho. Por se tratar de um grupo de mulheres, dentre os cursos selecionados, não as identificaremos como sujeitos singulares, mas como sujeitos que estão inseridos em um grupo maior⁶ que não nos foi possível, e nem era nosso foco, abarcar.

O CEPROCAMP oferece 15 cursos básicos⁷ de qualificação profissionalizante somente no período noturno. São cerca de 340 pessoas⁸ buscando por formação profissionalizante. Deste montante, 63,8% são mulheres e 36,2% são homens, distribuídas nos cursos de qualificação básica do CEPROCAMP, conforme Tabela 01.

Tabela 01
Distribuição do número de estudantes nos cursos básicos de qualificação do período noturno no CEPROCAMP -Identificação de quantidade de homens e mulheres

Cursos Básicos	Mulheres	Homens⁹	Total
Animação Gráfica	06	22	28
Animador Cultural	05	05	10
Auxiliar de Almojarifado	11	13	24
Auxiliar de Contabilidade	16	07	23
Auxiliar de Departamento Pessoal	23	01*	24
Auxiliar de Escritório	17	05*	22
Auxiliar de Secretária	20	02*	22
Camareira	16	0	16
Garçom	09	15	24
Governanta	16	01*	17
Informática Básica	17	13	30
Padeiro e Confeiteiro	11	09	20
Recepcionista	26	01*	27
Sistema Operacional Linux	18	07	25
Web Designer	06	22	28
Quantidade Geral	217	123	340
Percentuais	63,8%	36,2%	100,0%

⁶ O CEPROCAMP está oferecendo no 2º semestre de 2006 vários cursos de formação, totalizando atendimento a cerca de 1600 educandos no semestre, distribuídos em três períodos letivos: manhã, tarde e noite.

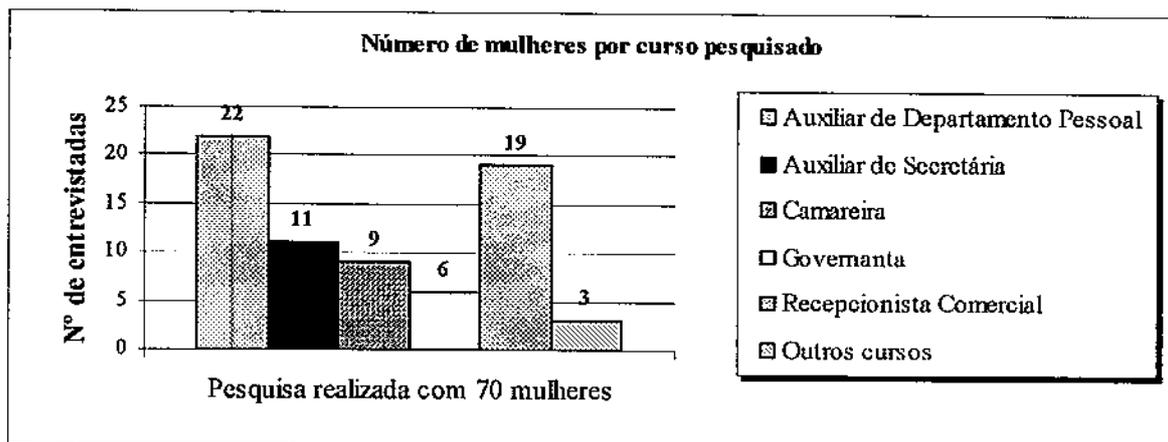
⁷ Referimo-nos aos cursos básicos de qualificação oferecidos pelo CEPROCAMP no período noturno, escolhido para nosso campo de análise, exceto o pré-vestibular e outros cursos técnicos também oferecidos neste semestre de 2006.

⁸ Levantamento com base nas primeiras listas de convocação dos alunos, publicadas em murais do CEPROCAMP em Agosto de 2006. A real quantidade de frequentadores pode ter sofrido alterações.

⁹ (*) Apesar de configurarem nas listas de matrículas, não encontramos nenhum aluno do sexo masculino, frequentando os cursos de Auxiliar de Departamento Pessoal, Auxiliar de Secretária, Camareira, Governanta e Recepcionista Comercial.

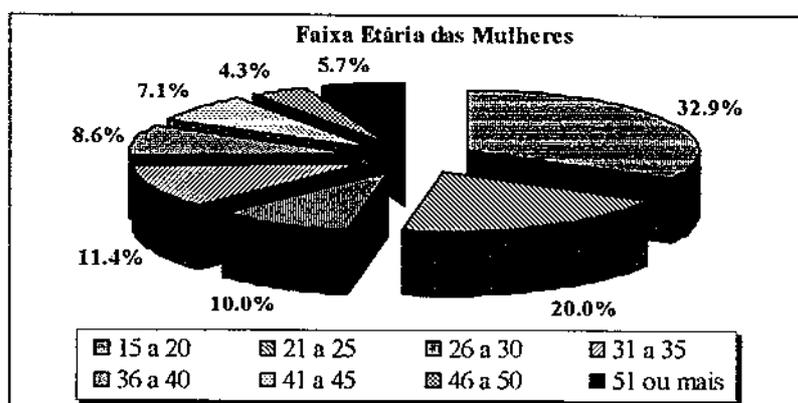
As 70 mulheres que se configuram como sujeitos de nossa pesquisa abarcam cerca de 1/3” dos cursos noturnos oferecidos no período analisado: 22 são do curso de Auxiliar de Departamento Pessoal; 11 são do curso de Auxiliar de Secretária; 09 são do curso de Camareira; 06 são do curso de Governanta; 19 são do curso de Recepcionista Comercial e 03 são de outros cursos¹⁰, conforme mostra o Gráfico 01.

Gráfico 01



Procuramos identificar neste grupo de mulheres a faixa etária que varia de 16 a 65 anos, conforme divisão etária e percentual demonstrado no Gráfico 02. Vemos que 52,9% das mulheres que frequentam os cursos pesquisados encontram-se na faixa etária de 15 a 25 anos, ou seja, está ingressando no mercado de trabalho.

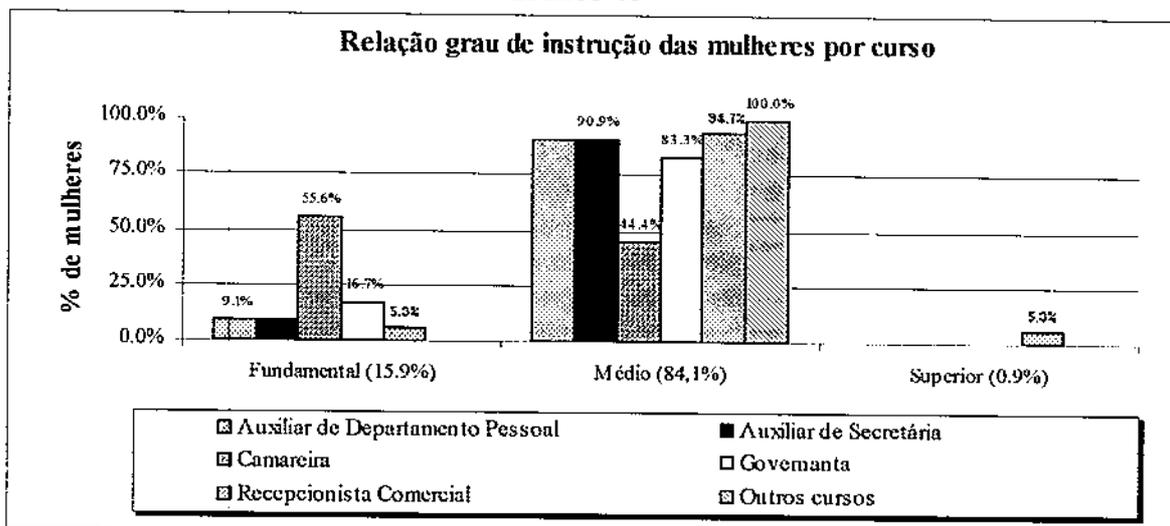
Gráfico 02



¹⁰ Usamos a nomenclatura “outros cursos” para designar os cursos de Garçon e Web designer, dos quais 03 mulheres quiseram participar. Consideramos suas participações relevantes por se tratar também de mulheres que estudam em cursos básicos do período noturno do CEPROCAMP.

Quanto ao grau de escolaridade 15,9% destas mulheres estão dentro do Ensino Fundamental. A maior parte delas (84,1%) cursaram (ou cursam) o Ensino Médio e 0,9% estão no Ensino Superior, distribuídas pelos cursos, conforme se observa no Gráfico 03.

Gráfico 03



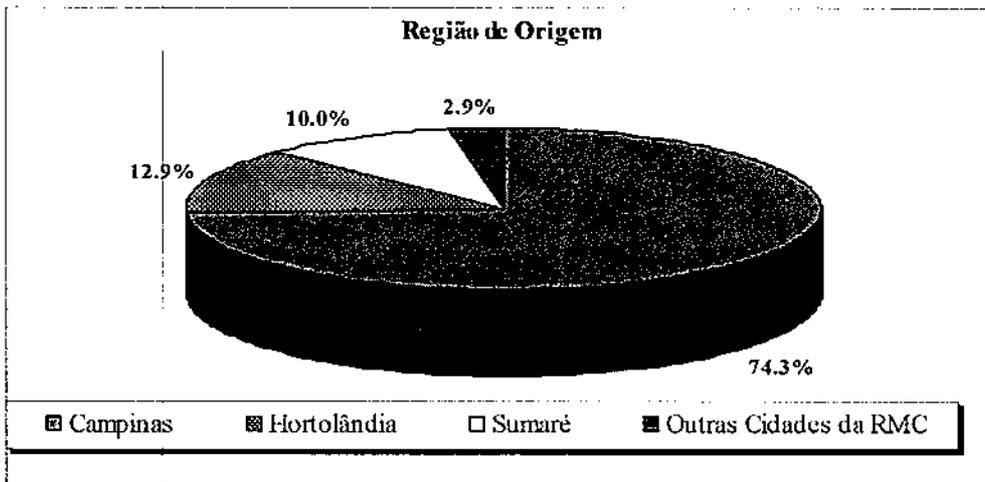
Com exceção do curso de Camareira no qual 55,6% das mulheres fizeram apenas o Ensino Fundamental; os demais cursos apresentam grau de instrução das mulheres em sua maioria no Ensino Médio. Tem mulheres que estão cursando o Ensino Superior.

Isto é um dado importante dos investimentos que este grupo vem fazendo na formação escolar, tendo em vista a colocação profissional.

Quanto à localidade de onde são oriundas as mulheres pesquisadas levantamos que 52 residem em Campinas; 09 em Hortolândia; 07 em Sumaré; 02 em outras cidades da RMC, conforme percentuais do Gráfico 04.

O que denota que cerca de 75 % das alunas dos cursos pesquisados no CEPROCAMP residem em Campinas e apenas cerca de 25% moram nas cidades vizinhas, sendo pequena a participação nesses cursos de mulheres oriundas da RMC.

Gráfico 04



As condições de moradia indicam que 80% moram em casa própria; 10% em casa alugada; 7,1% em espaços cedidos; 2,90% em casas financiadas, como mostra a Tabela 02.

Tabela 02
Sobre Residências das mulheres

Própria	Alugada	Cedida	Financiada	Totais
56	7	5	2	70
80 %	10%	7,1%	2,9%	100%

Quanto à estrutura física dessas residências, ainda que não seja totalmente terminada, encontramos os seguintes números: 50 % das mulheres moram em casas com mais de 05 cômodos; enquanto 25,7% em casas de 04 cômodos e as 24,3% restantes moram em casas menores.

Verificamos também a situação conjugal das mulheres, o número de filhos e se estes precisam ficar com alguém para que elas possam estudar. Somente 25,7% delas mantêm uma relação conjugal. A maior parte, 74,3%, são solteiras.

De todas as mulheres, 64,3% não têm filhos. Dentre as 70, apenas 35,7% delas têm filhos. Destas, 44% têm um filho; 36% têm dois filhos; 20% têm três ou mais filhos. Entretanto somente 28% delas não precisam deixar seus filhos com alguém para

se profissionalizar no CEPROCAMP. As 72% que precisam, contam com o apoio familiar: 24% deixam seus filhos com a mãe, portanto com a avó das crianças; 16% com o marido; 20% deixam com outros familiares ou pessoas em geral, como mostra a Tabela 03.

Tabela 03
Situação geral sobre filhos das mulheres distribuídas por curso

Cursos	Não têm filhos	Têm Filhos	Com quem ficam os filhos			
			Não precisa	Mãe	Marido	Outros
Auxiliar de Departamento Pessoal	17	5	0	2	2	1
Auxiliar de Secretária	8	3	1	0	0	2
Camareira	5	4	0	0	1	0
Governanta	1	5	4	1	0	0
Recepcionista Comercial	13	6	1	2	1	2
Outros cursos	1	2	1	1	0	0
Total	45	25	28,0%	24,0%	16,0%	20,0%

Além de tentarmos identificar como as mulheres souberam da existência do CEPROCAMP, procuramos saber se conhecem alguma pessoa que concluiu algum curso na entidade e se a mesma está ou não empregada.

A grande maioria das mulheres soube das atividades do CEPROCAMP através de amigos. Em outros meios de divulgação os percentuais foram bem menores, como mostra a Tabela 04.

Tabela 04
Meio pelo qual as mulheres souberam do CEPROCAMP

TV	Rádio	Jornal	Internet	Amigos
17 %	02 %	07%	01 %	73%

Embora praticamente 78% das mulheres conheçam alguém que concluiu um dos cursos do CEPROCAMP, os dados iniciais levantados através de informações coletadas neste grupo de mulheres denotam que 70% dessas pessoas não estão trabalhando nas áreas que fizeram o curso, como mostra a Tabela 05.

Tabela 05
Relação de conhecimento da empregabilidade pós CEPROCAMP

Conhece alguém que fez curso no CEPROCAMP			
Não Conhece	16	Trabalhando na Área do Curso concluído	
Conhece	54	Sim	Não
		30 %	70%

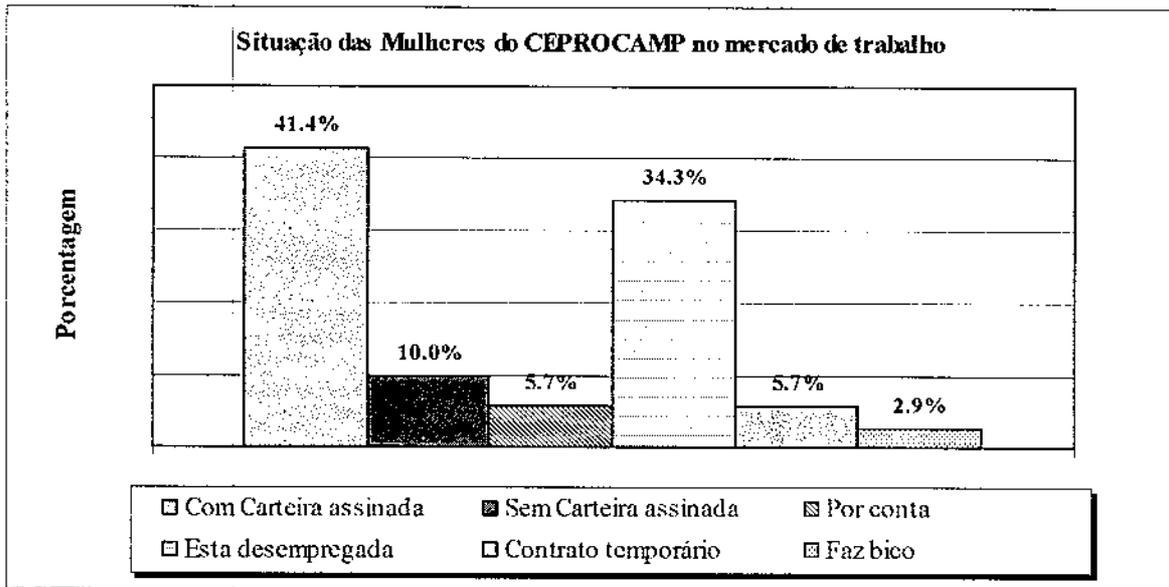
Esta informação carece de uma investigação empírica, pois ainda não há dados que demonstrem a real situação de trabalho das pessoas formadas pelo CEPROCAMP. A entidade ainda não tem um processo de avaliação ou mesmo acompanhamento da situação dos alunos que formou no mercado de trabalho.

Só recentemente, depois do início de nosso trabalho, montou-se um questionário distribuído internamente, objetivando fazer uma avaliação que trará indicativos de como os alunos avaliam a entidade, seus professores, os conteúdos, onde pretendem trabalhar, etc.

Porém, esse processo avaliativo não supre a necessidade de fazer uma investigação que denote a real situação das pessoas formadas pelo CEPROCAMP no mercado de trabalho.

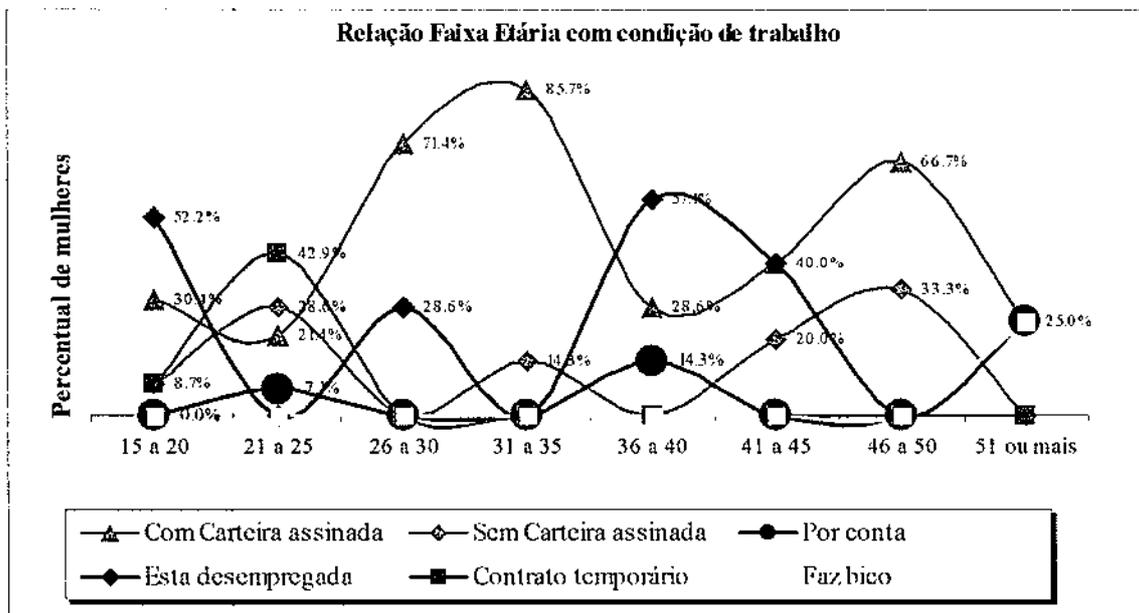
Na identificação das mulheres, sujeitos de nosso processo de investigação, procuramos abordar a atual situação que ocupam no mercado de trabalho. Das 70 mulheres, 29 estão trabalhando com carteira assinada; 07 sem carteira assinada; 04 trabalham por conta; 24 estão desempregadas; 04 trabalham por contrato temporário; 02 mulheres fazem bicos, conforme ilustra, em percentual, o Gráfico 05.

Gráfico 05



Se levarmos em consideração a relação faixa etária com a condição no mercado de trabalho, deparamos-nos com alguns dados significativos, conforme podemos analisar no Gráfico 06.

Gráfico 06



Os altos índices de desemprego, por exemplo, estão nas faixas etárias de 15 a 20 anos (52,2%) e também ele volta a aparecer com mais intensidade na faixa de 36 a 40 anos, quando o índice chega a 57,1%.

Quanto aos trabalhos sem carteira assinada tramitam por praticamente todas faixas etárias. Os contratos temporários têm sua maior incidência no grupo de mulheres mais jovens, praticamente desaparecendo em relação à mulheres mais velhas. O contrário ocorre com os bicos, que não aparecem nas faixas etárias mais jovens, porém são mais incidentes no grupo de mulheres mais velhas.

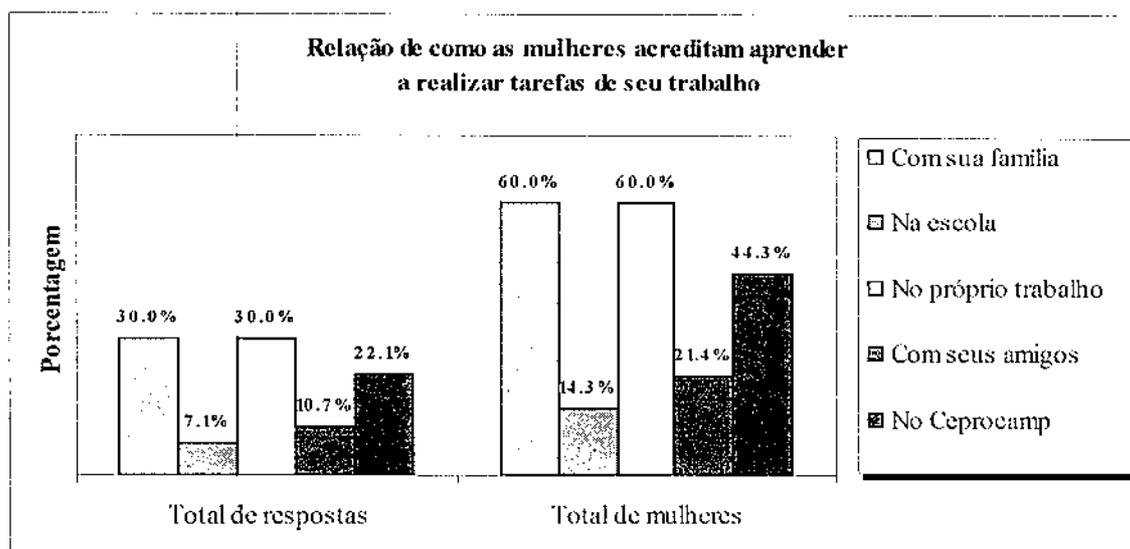
Quanto aos trabalhos com carteira assinada destacamos a faixa etária de 31 a 35 anos, pois 85,7% das mulheres nesta faixa trabalham com carteira assinada. Os índices são altos também nas faixas 26 a 30 anos, bem como, entre as mulheres de 46 a 50 anos.

No âmbito de expandir nossas convicções de como a mulher aprende ser trabalhadora e sob a perspectiva dessas mulheres do CEPROCAMP, destacamos as instituições nas quais elas acreditam ter aprendido a realizar tarefas ligadas ao seu universo de trabalho.

Embora tenhamos feito um pergunta prefixada no questionário, abrimos a possibilidade de escolherem várias alternativas e acrescentarem aquilo que não estava sendo contemplado. Por fim, quantificamos 140 respostas por parte das 70 mulheres que responderam ao questionário.

A família e o próprio trabalho aparecem como principais instituições norteadoras na produção dos saberes destas mulheres. Foram 42 indicações para cada um, denotando sua importância para 60% das mulheres, abrangendo 30% das respostas. O CEPROCAMP, enquanto entidade preparatória para o mercado de trabalho tem destaque também. Recebeu 31 indicações. Por outro lado, foram 15 respostas para os amigos, mostrando que os laços de amizade configuram-se como importantes. A escola recebeu a menor indicação. Foram apenas 10 respostas entre as 140 indicações de possíveis fontes de aprendizado para as tarefas do trabalho dessas mulheres, como indicam o Gráfico 07.

Gráfico 07



A família e o ambiente de trabalho são os “educadores” destas mulheres nas competências e habilidades demandadas no mundo do trabalho.

Sendo a família instituição formadora tão importante, procuramos saber também quantas pessoas estão trabalhando em cada residência. Na família de 28 mulheres, apenas 01 pessoa trabalha. Na residência de 25 delas, 02 pessoas trabalham. Somente em 13 famílias há 03 pessoas trabalhando. E mais raro foi encontrar 04 ou mais pessoas trabalhando na mesma família, encontramos apenas 02 casos nos 70 avaliados.

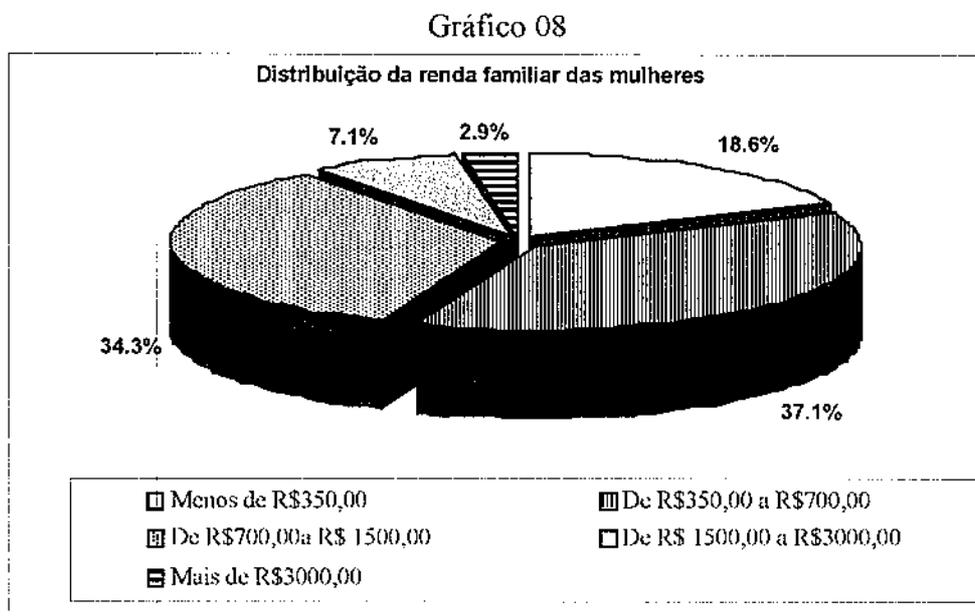
Dessas mulheres 14,3 % recebem ajuda governamental. Procuramos saber qual o nome do auxílio e valor. Vão desde Bolsa Família, que varia de valores, passando por Bolsa Escola, Ação Jovem, considerando até Aposentadoria, como mostra a Tabela 06.

Tabela 06

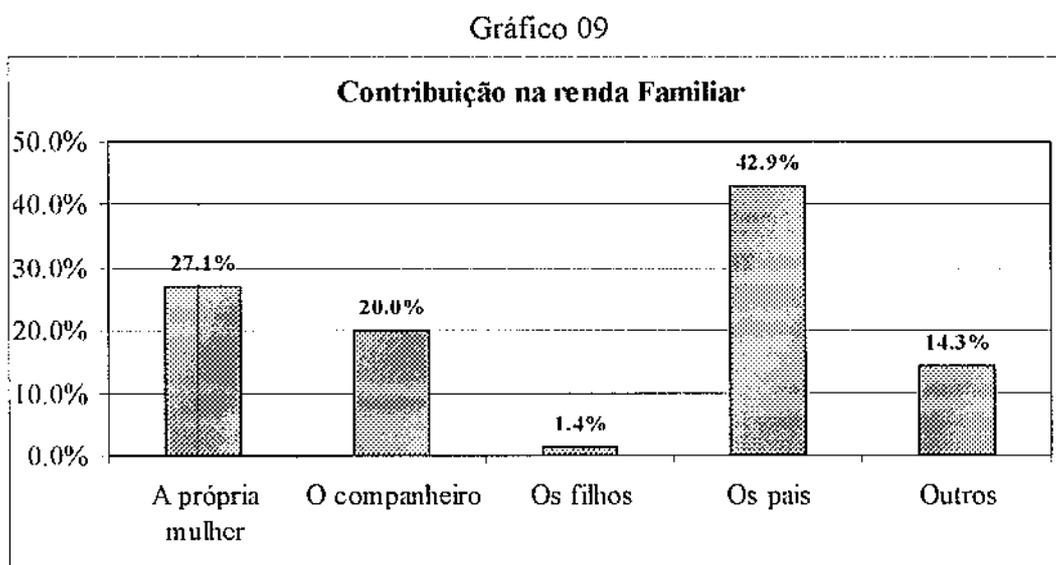
Auxílio governamental	Bolsa família	Bolsa escola	Ação Jovem	Aposentadoria
Valores	R\$ 15,00 R\$ 30,00 R\$ 45,00 R\$ 65,00	R\$ 38,00	R\$ 120,00 R\$ 350,00	R\$ 350,00 R\$ 420,00

Buscamos também identificar a renda familiar dessas mulheres, dividindo as faixas salariais pautadas nos valores do salário mínimo, para identificar os percentuais de famílias que recebem menos de 01 salário mínimo; as que ganham de 01 até 02

salários; entre 02 até 04 salários; um pouco mais que 04 salários até mais ou menos 08 salários; e, muito mais que 08 salários mínimos, detectando que a maior parte se circunscreve entre valores que variam de R\$ 350,00 a R\$1500,00, conforme aparece no Gráfico 08.



Por outro lado, procuramos identificar de quem provém a maior contribuição na renda familiar, conforme explicita o Gráfico 09.



Neste grupo de mulheres, os pais ainda são os maiores responsáveis pelo sustento da família. Tal fato se dá nas faixas etárias em as mulheres são mais novas.

Idades entre 15 a 25 anos que correspondem a 52,9% do grupo. Quando as mulheres são mais velhas, elas próprias aparecem como sendo as maiores responsáveis pela renda familiar.

Sob esta ótica entendemos a necessidade que essas mulheres têm de buscar conhecimentos para o mundo do trabalho. Elas passam a assumir as responsabilidades econômicas, de estruturação familiar e, além das atividades domésticas acabam precisando qualificar-se profissionalmente como meio de garantir sua inserção (ou permanência) no mercado de trabalho.

Portanto, quando se trata de buscarmos respostas do porque essas mulheres optaram pelo curso escolhido e o que esperam conseguir com o diploma adquirido no CEPROCAMP, deparamos com argumentações que trazem em seu dorso, de forma imbricada, a produção de conhecimento e sua estreita relação com o mundo do trabalho.

A maior parte dessas mulheres acredita, como aponta a Tabela 07, que com o diploma e a experiência adquirida nos cursos do CEPROCAMP será possível arrumar emprego. Das 70 que responderam ao questionário, 40 apontaram esta opção. Também acreditam que será possível trabalhar em empresas maiores, mudar de cargo, aumentar o salário e transformar sua história de vida no mundo do trabalho. Somente uma resposta, dentre as 126 obtidas, indicou que o diploma e a experiência no curso não mudará nada na sua vida.

Tabela 07
Sobre o que será possível realizar com o diploma do CEPROCAMP

	Conseguir emprego	Mudar de cargo	Trabalhar em empresas maiores	Aumento de salário	Não muda nada na vida	Transforma a sua história no mundo do trabalho
Total de Respostas	40	19	24	21	01	21

Através de suas respostas sobre a decisão de participar dos cursos em questão, essas mulheres trazem à tona, sobretudo, a esperança de arrumarem emprego, mas também de se qualificarem profissionalmente; realizarem um curso pelo qual não poderiam pagar; aprimorarem as técnicas e saberes da área para voltarem ao mercado de trabalho; melhorarem o currículo; terem mais oportunidades de serem contratadas pelas empresas; aumentarem suas rendas; aprenderem mais; adquirirem mais conhecimentos; terem uma atividade definida; serem boas profissionais; terem melhores desempenhos no trabalho que exercem; terem uma opção de profissionalização diante da idade que têm; fugirem de problemas pessoais e ocuparem a cabeça; realizarem sonhos; crescerem culturalmente e alçarem vôos mais longínquos possíveis.

Buscamos compreender o que essas mulheres acham dos cursos oferecidos pelo CEPROCAMP, o que esperam de suas vidas fazendo o curso e o que muda nelas em relação a participarem deste processo de formação. Tentamos aqui abarcar o maior número de respostas possíveis. Embora a maior parte tenha afirmado que os cursos oferecidos no CEPROCAMP são muito bons, que esperam arrumar um emprego e que a mudança mais significativa em suas vidas, a partir dessa qualificação profissional foi em relação ao conhecimento adquirido, vale a pena fazer um recorte de suas falas, de forma a contemplar as mais diversas opiniões, tais como:

“O CEPROCAMP é uma oportunidade para se preparar para o mercado de trabalho” (M., 29 anos, Recepcionista). Para ela, participar do curso fez com que enriquecesse o seu desempenho no trabalho com os clientes.

“O CEPROCAMP é um local onde muitas pessoas podem ter mais oportunidades no mercado de trabalho” (A., 17 anos, Depto Pessoal).

Uma mulher tem esperança em encontrar *“um serviço que possibilite exercer todas as capacidades que o curso ofereceu”* (G., 16 anos, Depto Pessoal).

“Os cursos oferecem capacitação e servem como direcionamento profissional na vida de quem tem perspectiva de algo melhor” (V, 23 anos, Depto Pessoal).

Segundo outra mulher, participar do CEPROCAMP mudou seu jeito de lidar com as pessoas. Diz: *“pretendo fazer mais cursos e estar aprendendo mais (...) melhorar de vida, pode ter mais chance na carreira e poder arrumar serviço” (S., 21 anos, Depto Pessoal).*

“Através dos cursos fica mais fácil conseguir um emprego (...) espero que eu me aperfeiçoe no meu cargo, pois agora eu sei como me relacionar com meu patrão, clientes, etc” (J., 21 anos, Aux. de Secretária).

Para algumas, a única coisa que esperam com o curso é *“trabalhar” (O., 65 anos, Camareira)*, a exemplo de outra que espera *“arrumar emprego e sentir bem no local de trabalho” (A., 37 anos, Camareira).*

Tem mulher que é mais taxativa. Com o curso espera *“conseguir um trabalho como secretária, recepcionista ou atendente e que este trabalho seja registrado”*. A participação no CEPROCAMP mudou coisas em sua vida. De acordo com sua fala: *“Aprendi que nós devemos aproveitar todas as oportunidades que aparecem em nossa vida” (F., 51 anos, Aux. de Secretária).*

Para outra, os cursos oferecidos são ótimos *“só deveria aumentar mais cursos profissionalizantes” (M., 40 anos, Depto Pessoal)*, pois espera conseguir emprego, uma vez que seu curso possibilitou o aumento de seus conhecimentos.

Q., 18 anos, Depto Pessoal espera que sua vida *“melhore 90%”*, pois o curso mudou sua relação com o seu *“aprendizado”*. A exemplo de outra que espera *“a cada dia adquirir mais conhecimentos” (F., 19 anos, Depto Pessoal).*

Para uma delas, o curso que faz é *“muitiiiito bom, porque com o avanço tecnológico precisamos nos atualizar cada vez mais (...) não tinha noção de*

informática, agora tenho (...) espero conseguir um emprego bem remunerado". (L., 21 anos, Camareira)

Uma delas afirma, os cursos representam *"uma grande oportunidade para os mais carentes (...) Espero conseguir trabalhar no ramo e ser uma boa profissional, pois aprendi a me portar em várias situações. (...) agora eu sei que poderei exercer esse cargo sendo muito responsável"* (P., 18 anos, Depto Pessoal).

Os cursos oferecidos pelo CEPROCAMP se configuram como *"um ótimo recurso para nós que não temos condição de pagar"*, afirma R., 19 anos, Depto Pessoal. Para K., 20 anos, Depto Pessoal os cursos são *"um bom objetivo para quem quer crescer e não tem dinheiro para isso"*, pois lá ela está aprendendo coisas que jamais pensou em aprender. O curso *"é muito bom, pois ajuda pessoas desfavorecidas a ter mais conhecimentos"*, como afirma A., 19 anos, Depto Pessoal que espera *"aprimorar os conhecimentos e ter um emprego melhor"*, pois aprendeu algo que não conhecia e isso a ajudará no mercado de trabalho.

O curso oferecido *"é uma boa oportunidade para quem quer realmente estudar"* (M., 17 anos, Depto Pessoal).

"O CEPROCAMP é uma escola séria e os cursos são de ótima qualidade (...) espero melhorar o curriculum e conseguir o sonhado emprego registrado", pois estar no curso *"ajudou e incentivou a estudar mais e tentar conseguir um serviço melhor"*. (M., 21 anos, Aux. de Secretária)

"Aprendi muita coisa principalmente a lidar em grupo (...) não sabia nada sobre D.P, agora já tenho uma base (...) espero poder arrumar um bom emprego e aprender mais e mais"(L., 20 anos, Depto Pessoal)

"Os cursos são bem proveitos e os professores são ótimos (...) Espero arrumar um emprego melhor, ganhar melhor e deixar de ser doméstica". Participar do curso de

formação ocasionou-lhe algumas mudanças *“estou mais interessada nos estudos e conseguindo acompanhar”* (O., 31 anos, Depto Pessoal).

“O CEPROCAMP é um órgão maravilhoso, onde temos a oportunidade de aprender vários cursos com bons professores”. Ela afirma que fazer o curso mudou sua visão sobre a idade, *“sempre é tempo para o aprendizado”* (M., 49 anos, Camareira).

“O curso é ótimo, estou aprendendo muito; os professores são bem animados e isso ajuda no aprendizado” (N, 35 anos, Aux. de Secretária).

T., 20 anos, Depto Pessoal gostou muito da organização da escola. Para ela *“os cursos também são bem administrados”*. Tem a expectativa de que fazendo o curso adquira *“novos conhecimentos para obter maiores oportunidades de emprego”*.

Quanto ao CEPROCAMP, uma fala *“eu não acreditava, hoje venho no curso como adolescente, toda feliz (...) Sou mais motivada, mais alegre e com mais conhecimento (...) Espero ajudar na renda familiar e mostrar minha capacidade”*(E., 52 anos, Camareira).

Os seus cursos oferecidos pela entidade para D., 45 anos, Aux. de Secretária *“estão de parabéns”*. Ela espera *“ter um emprego com um salário melhor”*, pois no CEPROCAMP passou a *“ter conhecimentos de coisas que não tinha aprendido”*.

V., 20 anos, Depto Pessoal acredita que fazendo o curso terá *“mais informação e mais dialogo”*. Participar *“mudou meu jeito de comunicação, e o jogo de cintura para lidar com pessoas problemáticas”* (N., 30 anos, Camareira).

Para isso vale muito o aprendizado. *“Aprendi muitas coisas principalmente o trabalho em equipe”* (V., 40 anos, Camareira). Afirma outra *“mudou minha maneira de pensar, a maneira de ver o mercado de trabalho ”* (S., 42 anos, Camareira).

F., 22 anos, Recepcionista, espera com o curso: *“conseguir um ótimo emprego para ajudar meus pais (...) conquistar um espaço no mercado de trabalho, pois eles não*

oferecem chance para quem não tem experiência". Por isso A., 21 anos, Recepcionista, espera *"ter uma loja"*, pois em sua afirmativa diz: *"aprendi a diferenciar atendimentos e como agir em determinadas situações"*.

Participar do CEPROCAMP deixou A., 18 anos, Recepcionista bastante feliz *"consegui muitas amizades e arrumei um emprego no curso que estou realizando"*. F., 24 anos, Aux. de Secretária diz: *"mudou muito a minha vida e o meu jeito de ser"*.

"Nos cursos, a gente conhece gente nova, cria uma série de amizade, isto é muito gratificante (...) Participar do CEPROCAMP permitiu fazer novas amizades. Aprendi tantas coisas que eu nem imaginava (...) Espero valorizar mais o meu trabalho, ter disciplina em geral e melhorar meu salário" (P., 58 anos, Camareira).

"Vejo o CEPROCAMP com uma oportunidade de mudança" (A., 28 anos, Recepcionista).

"Os cursos oferecem oportunidades para que todos as pessoas ingressem no mercado de trabalho com conhecimentos básicos essenciais (...) Espero ter mais conhecimento técnico e dispor de mais ferramentas para executar melhor meu trabalho (...) Participar do curso despertou a vontade de fazer um curso superior" (E., 27 anos, Camareira).

Para T, 18 anos, Depto Pessoal o curso é *"ótimo para nos desenvolver tanto profissionalmente como pessoalmente"*.

"O curso é de grande oportunidade na vida do aluno, pois nos capacita para o mercado de trabalho (...) espero realizar meus sonhos e através disso crescer profissionalmente (...) visto que aprendi com pessoas mais velhas que nunca é tarde para conquistar os objetivos na vida"(S., 20 anos, Aux. de Secretária).

Os cursos oferecidos *“ajudam muitas pessoas aprender mais e conquistar seu espaço (...) espero me efetivar no meu emprego e subir de cargo, pois fazer o curso abriu meus horizontes”* (N, 48 anos, Aux. de Secretária).

A., 42 anos, Camareira espera *“entrar numa área diferente de atividade da qual atuara anteriormente”*. Participar do CEPROCAMP para ela mudou a *“visão de mundo e o sentido de cidadania”*.

Já H., 17 anos, Aux. de Secretária espera *“entrar no mercado de trabalho e trabalhar com a carteira assinada”*. Para ela o CEPROCAMP não mudou nada em sua vida ainda, mas espera que *“a mudança aconteça na hora certa”*.

Por fim, e talvez mais importante, buscamos trazer mais elementos que possibilitem apreender, no campo social, econômico, político e cultural, as bases que fundamentam suas condições de mulheres trabalhadoras. Aqui também procuramos dar vozes a essas mulheres que poucas vezes são ouvidas. Embora talvez seja um exercício cansativo, vejamos o que dizem para além de dados coletados em seus relatos pessoais.

Pelos relatos pessoais as mulheres pesquisadas contam suas experiências e dificuldades de inserção no mundo do trabalho. Desde as várias situações enfrentadas, mesmo para a entrega de um simples currículo, passando por suas atuações nas dinâmicas de grupo feitas nas empresas, até a submissão à certas situações de assédios morais para assegurar um emprego que lhes garantam uma fonte de renda no fim do mês. Além de trazerem suas experiências familiares em suas relações com seus pares, no cuidado e educação de seus filhos, das dificuldades de moradias e transporte, até suas condições de acesso a bens públicos, como direito à educação e saúde de qualidade. Elas trazem seus anseios de transformação das condições sociais, materiais e culturais. Por isso vale a pena ouvir algumas delas:

“A mulher que trabalha pode ser livre, independente e ter auto domínio sobre o que ela procura para a sua vida e eu me sinto super feliz por ser independente, por viver dos meus esforços e isso me faz muito realizada” (S., 20 anos, Aux. de Secretária).

“Ainda não estou satisfeita com a condição que me encontro. Vou me sentir realizada quando conseguir um emprego registrado” (M., 21 anos, Aux. de Secretária).

“Está bem difícil de conseguir trabalho com carteira assinada e temos que aprimorar sempre, fazendo cursos quando for possível, pois são caros”. (H., 22 anos, Aux. de Secretária)

Já para F, 51 anos, Aux. de Secretária, sua condição de mulher é outra. Diz: *“levanto as 6:00 horas para trabalhar numa lojinha de xerox de uma amiga, estou fazendo bico lá até ela vender o ponto. Isso é para não ficar parada. Eu preciso ajudar nas despesas de casa. Trabalhei por 05 anos sem registro como secretária, por isso estou fazendo este curso para melhorar meu curriculum”*.

Para I., 35 anos, Recepcionista tudo é *“muito corrido, cansativo, pois acordo as 5:00 hs da manhã, arrumo meu filho para ir para a escola, arrumo almoço para deixar para minha filha, coloco ele na perua escolar, me arrumo, vou trabalhar, chego no curso às 18:40, pois venho direto e chego na minha casa somente as 23:00 hs”*.

O que pouco se diferencia de outras mulheres: *“acordo as 6:00 da manhã, trabalho em casa até as 8:15, vou para o trabalho, entro as 9:00 e saio as 18:00, chego em casa tomo banho e venho para o curso. É muito cansativo, mais vale a pena”* (N., 48 anos, Aux. de Secretária).

“Acordo cedo, trabalho 08 horas por dia, de 2ª a domingo com uma folga no meio da semana, faço um curso de inglês 02 vezes por semana, e ainda tenho os compromissos assumidos na minha comunidade de base” (E., 27 anos, Camareira).

Para V, 23 anos, Depto Pessoal sua condição de mulher é “*árdua, pois acordo as 5:00 horas da manhã e devido aos estudos durmo as 23:30*”. Segundo ela, isso é uma “rotina cansativa”. Como também é para G., 16 anos, Depto Pessoal: “*levanto vou para a escola, chego em casa faço serviço de casa e a noite venho para o curso no CEPROCAMP*”.

Mas será que essas condições são mais difíceis do que eram as condições de vida de mulheres mais velhas? Será que o tempo mudou as condições de trabalho das mulheres de gerações mais novas?

“*Saia todos os dias as 5:00 hora da manhã, voltava às 06 horas, enquanto marido e filhos ficava em casa. Eu tinha que fazer o jantar quando chegava*” (O., 65 anos, Camareira).

Embora o papel da mulher tenha sofrido mudanças na sociedade, quando se trata dos afazeres domésticos, pelo menos em relação a essas mulheres pesquisadas, eles continuam sob suas responsabilidades.

“*Cuido de 02 irmãos e 01 filho. Sou trabalhadora sim...trabalho em casa.... eu me considero uma mulher trabalhadora*” (A., 17 anos, Depto Pessoal).

“*Minha condição de mulher trabalhadora já vem desde a minha vó...graças a Deus somos muito trabalhadeira*” (S, 21 anos, Aux. de Secretária).

“*Cuido do meu filho, da minha casa. Me orgulho muito do que faço. Nós dois vivemos sossegados*” (N., 30 anos, Camareira).

“*Eu me sinto feliz, pois sou pai e mãe ao mesmo tempo. Isso me faz ser bem mais responsável como mulher trabalhadora que precisa sustentar os filhos*” (D., 45 anos, Aux. de Secretária).

“*Trabalhar para mim é executar uma ação / cumprir uma tarefa (...) Estou no mercado desde 14 anos, 1º por necessidade, 2º por desenvolvimento pessoal, por*

convicção, por prazer e atualmente por acreditar que minha atividade profissional complementa minha personalidade (...) Sendo assim ser uma mulher trabalhadora e se transformar num ser humano com desenvolvimento integral. E há que se falar também da parte financeira, mais do que complementação da renda familiar, meu salário permite conquistar bens materiais para mim e para meus entes queridos, e isso é muito gratificante” (E., 48 anos, Professora).

Por outro lado, há falas bem diferentes: *“Minhas condições não são nada boas, pois gostaria de ter mais tempo para estudar, para eu alcançar meus objetivos que é entrar em uma faculdade de medicina. Entretanto, eu preciso trabalhar para ajudar meu esposo em minha casa e cuida um pouco melhor dos meus filhos” (N., 31 anos, Recepcionista).*

“Tenho que trabalhar muito, pois sou viúva e tenho dois filhos adolescentes estudantes que dependem financeiramente do meu salário. Meu dia começa (trabalho) as 6:30 e vai até as 18:00hs. De segunda à segunda. Sou babá (por conta) cuidando de 03 crianças ”(M., 48 anos, Camareira).

Para O., 31 anos, Depto Pessoal a condição de mulher é *“muito difícil, principalmente se tem filhos e marido. O trabalho é sempre longe de casa, demora demais para chegar. Tem que fazer serviço de casa e já está cansada. Enfim é muito difícil”.*

Assim como é também para S., 37 anos, Garçon: *“sou eu quem sustento a minha casa com o meu salário. Por causa do meu trabalho tenho pouco tempo para ficar com minha filha e cuidar da casa, mas eu não sou a única, não é?”*

Realmente ela não é a única, *“graças a Deus por ter forças para trabalhar fora, e conseguir chegar em casa, cuidar da minha filha e dos afazeres domésticos” (A., 28 anos, Recepcionista).*

A., 37 anos, Camareira afirma que *“trabalhar para fora e dentro de casa não é uma tarefa muito fácil, mas com organização a gente consegue”*. Enquanto que para S., 21 anos, Depto Pessoal, *“lidar com casa é um problema, pois você limpa e limpa e não termina o serviço”*. R, 19 anos, Depto Pessoal afirma: *“meu dia-a-dia é muita faxina, muitas tarefas em casa”*. Para S., 17 anos, Aux. de Secretária sua condição de mulher *“é ser trabalhadora desde pequena, limpando a casa”*. Porém, não é somente isso, F, 24 anos, Aux. de Secretária fala: *“ Eu sou uma mulher muito trabalhadora e também muito estudiosa....eu limpo a casa, faço comida, etc...eu faço tudo”*.

Mas as mulheres também falam de outras relações com o trabalho. Uma afirma que não é uma mulher realizada, pois não gosta de onde trabalha: *“acho que a mulher deveria ser muito bem tratada, pois é um ser único e que é muito frágil para ter que sofrer tanto”* (P., 18 anos, Depto Pessoal)

Entretanto há outros perfis. Para A., 19 anos, Depto Pessoal sua condição de mulher significa *“conseguir um lugar no mercado de trabalho e mostrar que somos capazes”*. K., 20 anos, Depto Pessoal diz: *“Não tenho preguiça, tenho força de vontade. Só quero crescer profissionalmente e dá orgulho para minha mãe”*. E., 52 anos, Camareira diz que o seu comentário sobre a condição de mulher é o seu perfil: *“adoro trabalhar, sou dinâmica, ativa, esperta, eu sou mulher trabalhadora”*. S., 42 anos, Camareira afirma: *“gosto de ser mulher trabalhadora, sinto me útil e ativa, tenho bastante dificuldade por causa do meu pouco estudo, mas estou lutando para vencer”*.

A., 37 anos, Web Designer acredita que a única coisa que precisa mudar é o *“reconhecimento”*. Como deficiente auditiva, acredita que é preciso mudar a visão de que *“deficientes só servem para produção, limpar banheiro, etc”* Seus desejos de reconhecimento são muito mais amplos.

Para M., 40 anos, Depto Pessoal, *“a mulher deveria ser mais valorizada, principalmente em relação à idade e ter um mercado de trabalho maior”*. Sua fala é complementada por R., 29 anos, Recepcionista : *“a mulher sempre foi uma guerreira, mais ainda nos dias de hoje, onde está super difícil oportunidades, vagas de emprego”*.

N., 18 anos, Aux. de Secretária afirma que sua condição de mulher trabalhadora *“está muito difícil”*. Tem certeza que *“quanto mais cursos, melhores oportunidades irão surgir”*. Segundo ela *“temos que ter força de vontade e correr atrás, pois ficar parada não adianta”*. Para E., 42 anos, Depto Pessoal sua condição de mulher se resume em estar *“sempre trabalhando para buscar os objetivos”*.

“O trabalho para mim é um jogo, minhas conquistas profissionais são as vitórias. Derrota nem pensar porque ainda sou jovem, viva”, afirma L., 21 anos, Camareira. Para N., 35 anos, Aux. de Secretária, *“as mulheres tem que trabalhar, ser independente; e além disso ter sua própria profissão e não ser escrava do marido e do fogão”*.

O trabalho, segundo G., 50 anos, Professora *“permite que cada mulher tome o leme de seu barco e tenha condições de decidir qual rumo tomar”*. Mas a condição da mulher será mais justa se *“um dia as mulheres poder ganhar o mesmo salário... igual aos homens”* (A., 36 anos, Recepcionista).

Diante das falas apresentadas sobre a condição da mulher, vamos entendendo a forte relação com o mundo do trabalho e o significa para elas desempenharem os diferentes papéis sociais que ocupam enquanto mulheres trabalhadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizarmos a pesquisa sobre a temática da educação feminina para o trabalho, com o objetivo de entender “*como, quando, onde, por quê e para quê se aprende a ser trabalhadora*”, percebemos que não é possível elucidar a questão e que ela não se esgota num simples acompanhar e desenrolar de um curso de formação. No convívio e pelos dados coletados junto às mulheres pesquisadas surgiram novas indagações, inquietação e reflexões que ultrapassam o que pressupúnhamos.

Abre-se a perspectiva e o anseio de novas informações, campo fértil para novas pesquisas: Como será a vida dessas mulheres após a conclusão desses cursos? O que mudará em sua história de exclusão? Como se sentirão? Estarão empregadas na área que escolheram? Serão profissionais éticas, autônomas e conhecedoras das atividades que vão exercer, como pressupõe os objetivos dos cursos oferecidos pelo CEPROCAMP? O espaço profissional será garantido? Quais serão as políticas governamentais para a criação de empregos, uma vez que investe-se recursos públicos em formação profissionalizante? São tantas indagações a serem respondidas, entretanto, temos que levar em consideração o que significa para essas mulheres participar desse processo de formação.

Sabemos que, embora tenha se ampliado a heterogeneidade no interior do mercado de trabalho, ao longo dos anos 90, do ponto de vista do gênero, de acordo com Pochmann (2005), a presença da mulher no mercado de trabalho brasileiro terminou obtendo vantagens em relação aos postos de trabalho masculino, levando o rendimento médio feminino crescer acima do masculino. Para o autor, “*A ampliação da força de trabalho feminina foi bem mais intensa que a masculina (...) Em 10 anos, a oferta total de mão-de-obra aumentou com o ingresso de 10,3 milhões de mulheres e de 5,6 milhões*

de homens” (POCHMANN, 2005: 75). Mas, apesar disto as mulheres continuam ganhado 30% a menos do que os homens para realizarem as mesmas tarefas por eles realizadas (POCHMANN, 2005).

Por outro lado, a expansão do trabalho feminino e o maior acesso ao rendimento mensal não têm sido acompanhadas por mudanças culturais, como afirmam Leite e Souza (2005). Estes fatos não implicam em uma divisão mais equânime das responsabilidades relacionadas à reprodução familiar e ao trabalho doméstico entre os sexos. Ao contrário, *“tem sido responsável pela manutenção de importantes desigualdades de oportunidades para as mulheres no mercado de trabalho”* (LEITE; SOUZA, 2005:117).

Para as autoras, as desigualdades de oportunidades entre homens e mulheres no mercado de trabalho são reflexos de uma certa cultura, permeada por fatores históricos. *“Em termos de capacidade de trabalho, não há nada que justifique tais diferenças”* (LEITE; SOUZA, 2005: 137). Por isso, segundo as autoras, as políticas de recursos humanos em relação ao trabalho feminino poderiam estar sendo reavaliadas:

“Se, por um lado, parece haver avanços significativos no mercado de trabalho nos últimos anos, por outro eles ainda não mudaram substancialmente nem a realidade, nem o imaginário sobre o trabalho feminino (...) A continuidade desse imaginário sobre o trabalho feminino relaciona-se com uma estratégia de competitividade baseada fundamentalmente na diminuição dos custos do trabalho, com importantes reflexos sobre as características do trabalho e das relações sociais a que dão lugar” (LEITE; SOUZA, 2005: 144).

Quando pensamos o que significa o trabalho em nossa sociedade e as relações sociais a que ele dá lugar, entendemos a necessidade de possibilitar a oportunidade de acesso a ele, de forma igualitária, tanto por homens quanto por mulheres. Porque sob a ótica da lógica capitalista, como afirma Forrester (1997),

“Não temos outra utilidade a não ser a que nos é conferida pelo trabalho, ou melhor, pelo emprego, por aquilo em que nos empregam. Como admitir que o próprio trabalho não tem mais utilidade, não serve para mais

nada, nem mesmo para o lucro dos outros, que ele não é mais digno sequer de ser explorado?" (FORRESTER, 1997: 112)

Tal afirmativa aponta para o fato de que os conhecimentos adquiridos pela mulher trabalhadora, através de diferentes processos e instituições sociais, família, escola, empresa, etc somados às suas habilidades, também adquiridas socialmente e acrescidas de suas características pessoais, de sua subjetividade e de sua visão de mundo, constituem um conjunto de saberes e habilidades que só se transforma em valor de troca em determinado momento histórico, se este for reconhecido pelo capital como sendo relevante para o processo produtivo. *"O saber se torna uma mercadoria-chave, a ser produzida e vendida a quem pagar mais"* (HARVEY, 1992: 151).

Enquanto que o reconhecimento do grau de qualificação destas trabalhadoras pelas empresas pode ser medido por meio de sua inclusão em diferentes níveis hierárquicos e salariais, em diferentes formas de relações empregatícias como trabalho assalariado, trabalho terceirizado, contratos temporários, trabalho sem remuneração. A qualificação assim compreendida implica também o reconhecimento que escolaridade e formação profissional são condições necessárias, mas insuficientes, para o desenvolvimento social. Isso porque se sabe que somente políticas e ações concretas, podem contribuir para a autonomia e superação das desigualdades sociais.

Sabemos que a educação, e de certa forma o trabalho, são meios de conquista de autonomia social, que só poderão ser considerados uma realização compartilhada tendo em vista a transformação de uma sociedade desigual em uma sociedade mais igualitária.

De acordo com Bauman (2001) *"não há indivíduos autônomos sem uma sociedade autônoma, e a autonomia da sociedade requer uma auto-constituição deliberada e perpetua"* (BAUMAN, 2001: 50). Para uma sociedade ser autônoma e romper com as desigualdades sociais deve estar embasada em um princípio de fato democrático. Com a participação de todos os sujeitos sociais, em condições de

igualdade de oportunidade de acesso à educação, trabalho digno, saúde, lazer, etc. Para o autor, uma sociedade democrática é aquela que todos, sem exceção, tem direito a participar nos processos social, político, econômico e cultural. E não existe uma sociedade democrática com um sistema educativo que não o seja.

A Educação sozinha não faz milagres, mas por meio dela, muito pode ser feito, uma vez que ela é um ato político, e como qualquer ato político estabelece uma multiplicidade de relações de poder que se inter-relacionam e determinam as ações de cada um. Por isso a importância da participação democrática no processo de reinvenção da sociedade. É a participação crítica e criadora das pessoas, que as fará refazer sua história no processo contínuo pela busca de autonomia e democratização social (FREIRE, 1999).

Sendo assim, urge uma transformação social em que formas de socialização, de educação e de trabalho permitam, senão acabar, amenizar de fato as desigualdades sociais. Neste sentido, vale salientar que compreendemos que a educação é muito mais do que um caminho de construção de conhecimentos para o mundo do trabalho. Ela traz a possibilidade de irmos além da reprodução de uma sociedade marcada pela luta de classes, de gênero, de raça, de crença, etc. É preciso, portanto, criar alternativas diante da nossa realidade!

Visto que, vivemos em uma sociedade cada vez mais fragmentada, plural e excludente. As idéias neoliberais em curso no modo de produção capitalista, vêm provocando diminuição de inúmeras frentes de trabalho em virtude da inovação tecnológica e da lógica de enxugamento dos direitos trabalhistas. Esta realidade poderia resultar em atitudes de desesperança por parte destas mulheres pouco qualificadas sob a ótica da empregabilidade e descrentes frente às possibilidades de alcançarem espaços de trabalho.

Porém, como muitas mulheres do CEPROCAMP afirmaram, para elas o processo de qualificação profissional oferecido na entidade educativa se configura como uma alternativa que permite que as mesmas estabeleçam outras relações com o mundo, sejam elas de cunho social, econômico, político e cultural, permeados por valores éticos, estéticos, religiosos, de acesso às tecnologias, de convívio e sobrevivência nesta sociedade desigual, de descrença e também de esperanças no futuro.

As mulheres sabem da precariedade pelo qual o mundo do trabalho tem passado. Compreendem que, embora as entidades educacionais podem certificar / diplomar, não há garantias de trabalho para todos. *“Com a crise do trabalho produzindo altos índices de desemprego, a escola deixou de ser promessa de melhores condições de trabalho e melhores salários”* (ALVES, apud PERALVA, 2006: 10). De certa forma, isso depende de políticas públicas agregadas e atuantes em diferentes áreas.

Mesmo assim essas mulheres cumprem triplas jornadas diárias, zelando por suas casas nos afazeres domésticos, no cuidado com filhos, trabalhando fora e estudando, tentando garantir seus espaços na sociedade como forma de sobreviverem e inserirem (ou manterem-se) no mercado de trabalho. Esperam conseguir melhores empregos, maiores salários, terem uma vida mais digna, pela transformação de suas condições materiais e sociais.

Trata-se, em suma, na crença de um futuro melhor. As mulheres pesquisadas no CEPROCAMP deixam para nós alguns ensinamentos. Elas apresentam-se esperançosas de que pelo conhecimento, via formação profissional, vão conseguir condições emancipatórias tornando possível a transformação da vida pelo trabalho. Elas entendem que a esperança é condição de criação da utopia, dos sonhos. Para essas mulheres, os cursos oferecidos no CEPROCAMP configuram-se como elemento alternativo que incrementam o conhecimento, a vida pessoal e a inserção profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Adriana. **Relações de saber e com o saber de jovens de camadas populares: o caso do programa Avizinhar/USP**. Rio Claro/SP: Universidade Estadual Paulista (Dissertação de Mestrado), 2006
- APPLE, M.: **Ideologia e Currículo**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1982. (Cap. 5: “O currículo oculto e a natureza do conflito”, p. 125 - 157)
- BAUMAN, Z.: **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Jorge Zahar Ed.: Rio de Janeiro, 2001
- BEM, Sandra L.; BEM, Daryl J. Treinando a mulher a conhecer seu lugar :o poder de uma ideologia não-consciente. Trad. Antonio Merisse. In. FABERMAN, A; GOOD, E. **Social Reality**. Prentice-Hall: Englewood Cliffs, 1973. p 11-20
- BOURDIEU,P.; CHAMBOREDON,J.C; PASSERON,J.C: **Ofício de Sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. pg 01- 44
- BRASLAVSKY Cecilia;GVIRTZ, Silvina. Nuevos desafios y dispositivos en la política educacional latinoamericana de fin de siglo. In : **Cuadernos de Educación Comparada Política y Educación em Iberoamerica**.(4) OEI., Madrid, España, 2000,p 41-72
- BOWLES, S.; GINTIS, H.: “A educação como campo de contradições na reprodução da relação capital-trabalho: reflexões sobre a teoria da correspondência”. **Teoria & Educação**, nº 1, 1990, p. 93-107.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O Trabalho do Antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Ed. UNESP,2000. (Cap. 1: O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever, p 17-35)

CORTES, Soraya M.V.: Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. In: **Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre, 1998. v.9, p. 11-48

DANDURAND, P.; OLLIVER É.: Os paradigmas perdidos. Ensaio sobre a sociologia da educação e seu objeto. **Revista Teoria & Educação nº 3. Dossiê: Sociologia da Educação**, 1991.

DEMARTINI, Zeila B. F.: **Educando para o trabalho: Família e escola como Agências Educadoras**. São Paulo: Ed. Loyola, 1985.

FERREIRA, Karin Terrell . **Projeto Aldeia Cidadania: oficinas de leitura e escrita com jovens em uma organização não-governamental**. Rio Claro/SP: Universidade Estadual Paulista (Dissertação de Mestrado), 2005. (Cap I)

FORRESTER, Viviane: **O Horror Econômico**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 37 ed. São Paulo, Cortez, 1999.

GATTI, Bernadete A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Trad. Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves São Paulo: Loyola, 1992

HELOANI, J.R. **Organização do trabalho e administração: uma visão multidisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994.

- LEITE, Márcia P.; SOUZA, Silvana M.: Custos do trabalho feminino: imagens e realidade no ABC Paulista. In ABRAMO, Laís (org). **Questionando um mito: custos do trabalho de homens e mulheres**. Brasília: OIT, 2005. (Cap. III)
- MARSHALL, T.H. . **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar , 1963.
- MAZZA, Débora. **Conversa de Mulher**. Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas (Dissertação de Mestrado), 1989.
- MEIHY, José. C. S.B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M.M.: A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu. Revista *Educação e Sociedade*. **Dossiê Ensaios sobre Pierre Bourdieu**, nº 78, ano XXIII, abril, 2002.
- OLIVEN A C.: Desenvolvimento da Sociologia da Educação: Estados Unidos e Inglaterra. **Revista Educação & Realidade**, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 16, nº 2, jul/dez, 1991
- POCHMANN, Márcio.: Emprego e custos do trabalho feminino no Brasil no final do século XX. In ABRAMO, Laís (org). **Questionando um mito: custos do trabalho de homens e mulheres**. Brasília: OIT, 2005. (Cap. II)
- RAGO, Margareth.: Trabalho Feminino e Sexualidade. In PRIORE, Mary Del (org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Ed. Contexto/ Ed. Unesp, 2001.
- SÁNCHEZ GAMBOA, S.A. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In FAZENDA, Ivani (org). **Metodologia da pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez,1989. p 93-115.

- SANFELICE, J.L.; SAVIANI, D.; LOMBARDI, J.C.(org). **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas, SP:AA,HISTEDBR,2000
- SCOTT, Joan: Gênero: uma categoria útil da análise histórica. Trad. Guacira Lopes Louro. **Revista Educação & Realidade**, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v 16 nº 2, jul/dez, 1990, p. 5-22.
- SCHULTZ, T. W.: “**Capital humano: Investimento em Educação e Pesquisa.**”. Trad. Marco Aurélia M. Matos. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1999.
- VASCONCELLOS, M.D.: “A sociologia da educação na França”. In: **Educação e Sociedade**, CEDES: Campinas, nº 83, vol.24, Agosto 2003
- WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador :escola, resistência e reprodução social**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Denise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas:1991.
- YOUNG, Michael: **O currículo do futuro – da “nova sociologia da educação” a uma teoria crítica do aprendizado**. Campinas: Papirus, 2000. (Seção 1: “Construir e reconstruir uma sociologia do currículo”, p. 23-75)

Publicações do Scielo:

- HELOANI, José Roberto e CAPITAO, Cláudio Garcia. **Saúde mental e psicologia do trabalho**. *São Paulo Perspec.* [online]. abr./jun. 2003, vol.17, no.2, p.102-108. Disponível:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392003000200011&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-8839. Acessado em: 31 Outubro 2005

SEGNINI, Liliana R.P. **Educação e trabalho: uma relação tão necessária quanto insuficiente.** *São Paulo: Perspec.* [online]. abr./jun.2000, vol.14, no.2,p.72- 81
Disponível:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200011&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-8839. Acessado em: 31 Outubro 2005

Sites acessados na Internet:

Em 30/04/2006

<http://www.campinas.sp.gov.br/smenet/fumec/ceprocamp/ceprocamp.htm>

http://www.campinas.sp.gov.br/smenet/noticias/noticia_2005_06_29b.htm

http://www.campinas.sp.gov.br/smenet/noticias/noticia_2005_11_28d.htm

http://www.campinas.sp.gov.br/smenet/noticias/noticia_2005_12_16.htm

http://www.campinas.sp.gov.br/smenet/noticias/noticia_2005_12_21.htm

Em 29/05/2006

http://www.campinas.sp.gov.br/smenet/noticias/noticia_2006_01_03.htm

http://www.campinas.sp.gov.br/smenet/noticias/noticia_2006_01_06a.htm

http://www.campinas.sp.gov.br/smenet/noticias/noticia_2006_02_10.htm

Em 12/06/2006

<http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=/proep/proep.html>

http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=/proep/proep/legislacao_prop.DOC

Em 14/06/06

http://www.fnde.gov.br/home/proep/14_marco/Proep_Plano_de_Acao_2006_ENCONTRO.ppt

ANEXOS



PESQUISA SOBRE MULHERES TRABALHADORAS NO CEPROCAMP FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNICAMP



Nome: _____ Idade: ____ anos Telefone: _____ Curso: _____
Endereço: _____ Bairro: _____ Cidade: _____ Email: _____

1) Estuda ou até que série estudou? 1ª a 4ª série 5ª a 8ª série Ensino Médio Superior

2) É casada ou mora junto?
 Sim Não

3) Tem filhos?
 Sim Não

4) Quantos filhos?
 1 2 3 4 ou mais

5) Você precisa deixar seus filhos com alguém para fazer o curso?
 Sim Não Se Sim, com quem? _____

6) Sua casa é :
 Própria Alugada
 Financiada Cedida ou emprestada

7) Quantos cômodos sua casa tem?
 1 2 3
 4 5 ou mais

8) Como é o seu trabalho?
 Com carteira assinada Sem carteira assinada Por conta
 Está desempregada Por contrato temporário Faz bico

9) Quantas pessoas em sua casa trabalham? 1 2 3 4 ou mais

10) Sua renda familiar é:
 Menos de R\$ 350,00 De R\$ 350,00 a R\$ 700,00
 De R\$ 700,00 a R\$ 1500,00 De R\$ 1500,00 a R\$ 3000,00
 Mais de R\$ 3000,00

11) Quem é o maior contribuinte com a renda familiar?
 Você Seu companheiro
 Seus filhos Seus pais
 Outros

12) Recebe alguma ajuda governamental:
 Não recebe Sim Qual? _____ Qual valor? _____

13) Como ficou sabendo do Ceprocamp?
 Jornal Rádio Amigos
 TV Internet

14) Por quê decidiu fazer o seu curso?

15) Você conhece alguém que fez curso no Ceprocamp?
 Sim Não

16) A pessoa está trabalhando na atividade do curso realizado?
 Sim Não

17) Onde você acredita ter aprendido a realizar as tarefas de seu trabalho? (Pode colocar várias alternativas)
 Com sua família Na escola No próprio trabalho
 Com amigos No CEPROCAMP

18) O que você espera para sua vida fazendo o curso no Ceprocamp? _____

19) Você acredita que com o diploma e a experiência no curso do Ceprocamp será possível:
 Conseguir emprego mudar de cargo trabalhar em empresas maiores
 aumentar o salário não vai mudar nada em sua vida transformar sua história no mundo do trabalho
 outros (o quê?) _____

20) O que você acha do CEPROCAMP e dos cursos oferecidos? _____

21) A participação no CEPROCAMP mudou alguma coisa em sua vida? O quê? _____

22) Comentários sobre sua condição de mulher trabalhadora _____

:

|

|